

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

ANNIA BRUM TAVARES

**WALLACE SOUZA: BANDIDOS NA TV - UMA REPORTAGEM EM
QUADRINHOS**

**VOLTA REDONDA
2022**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**WALLACE SOUZA: BANDIDOS NA TV - UMA REPORTAGEM EM
QUADRINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo do UniFOA como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aluno: Annia Brum Tavares

Orientador: Professor Doutor Heitor da Luz Silva

VOLTA REDONDA

2022



Fundação Oswaldo Aranha



FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado WALLACE SOUZA: BANDIDOS NA TV - UMA REPORTAGEM EM QUADRINHOS, elaborado por Annia Brum Tavares, apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovado em 03 de novembro de 2022.

Banca Avaliadora:

Professor(a) orientador(a)

Heitor da Luz Silva, Doutor, UniFOA

Professor(a) avaliador(a)

Douglas Baltazar Gonçalves, Mestre, UniFOA

Professor(a) avaliador(a)

Rogério Martins de Souza, Doutor, UniFOA

Dedico este trabalho a todos que acreditaram em meu potencial como jornalista e como desenhista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Heitor da Luz Silva, que me sugeriu essa forma de unir minhas duas paixões e me guiou nesse caminho, e a todos que me apoiaram durante todo o caminho.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de desenvolver uma reportagem em quadrinhos do caso brasileiro de Wallace Souza, o deputado estadual e apresentador acusado de ser o chefe de uma organização criminosa em Manaus e mandar matar em prol da audiência de seu programa policial, o "Canal Livre". São apresentados os conceitos de sensacionalismo e grotesco, ambos presentes nas notícias dadas nas exibições em TV aberta, para fins de contextualização teórica, e referências sobre a linguagem e a produção de quadrinhos (GROESTEEN, 2015; POSTEMA, 2018) que embasaram a realização. A partir do documentário "Bandidos na TV" da Netflix, e de informações posteriores à sua exibição pesquisadas em sites como fontes de informação, o produto tomou forma e, com ele, foi possível compreender o processo de adaptação entre duas mídias diferentes, discutir as potencialidades de recursos e estudar as especificidades da narrativa em quadrinhos.

Palavras-chave: História em quadrinhos. Documentário. Sensacionalismo. Grotesco. Wallace Souza.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: página da reportagem em quadrinhos “Meninas em jogo” da Pública²⁹

Figura 2: página da reportagem “Pátria armada, Brasil”, de Robson Vilalba³⁰

Figura 3: página da reportagem em quadrinhos “Notas sobre Gaza”, de Joe Sacco³²

Figura 4: página da reportagem em quadrinhos “Uma história de Sarajevo”³³

Figura 5: comparação da foto real e arte da reportagem em quadrinhos “Wallace Souza: bandidos na TV”³⁵

APÊNDICE

APÊNDICE A – Reportagem em quadrinhos “Wallace Souza: bandidos na TV” 45

APÊNDICE B – Esboços iniciais para a construção do quadrinho 61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O CASO WALLACE SOUZA	12
2.1 – O “Canal Livre”	12
2.2 – A popularidade do grotesco	18
2.3 – O documentário “Bandidos na TV”	20
3 A NARRATIVA EM QUADRINHOS	23
3.1 – As histórias em quadrinhos	23
3.2 – A reportagem em quadrinhos	26
4 WALLACE SOUZA: BANDIDOS NA TV	33
4.1 – Construindo uma reportagem em quadrinhos	33
5 REFERÊNCIAS	41
1 INTRODUÇÃO	

Wallace Souza era deputado estadual, além de criador e apresentador do “Canal Livre”, um programa com teor sensacionalista que visava denunciar e diminuir a criminalidade em Manaus que diversas vezes se apoiava no grotesco, exibindo pessoas mortas em TV aberta. Entretanto, sua carreira foi comprometida após a prisão do ex-policial Moacir Jorge, mais conhecido como “Moa”, que o acusava de ser o líder de um grupo de traficantes que eliminava a concorrência em prol da audiência. O parlamentar e o filho, Raphael Souza, foram alvos de uma investigação policial que descobriu diversos indícios de que a história contada por Moa seria verdadeira.

A polêmica história do chamado “Caso Wallace” dividiu opiniões, e justamente para apresentá-las ao público que a Netflix lançou, em 2019, o documentário “Bandidos na TV”. A produção conta com sete episódios apresentando toda a trajetória do ex-parlamentar e as acusações contra ele. Segundo o diretor Daniel Bogado, a história possui uma “premissa cativante”, por isso diversas vezes as interpretações dos entrevistados se contradizem, passando ao público mais de uma visão para que ele decida, por si só, no que acreditar.

A narrativa se apoia em depoimentos e em linguagens visuais, diversas vezes usando a tela para encenar determinado acontecimento que não foi gravado nem fotografado, apenas visualizado por alguém. O uso de ambas as formas de linguagem

é amplamente realizado também por outros meios narrativos, embora sofram alterações pontuais que variam de acordo com o gênero. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos recebem destaque por também tratarem de apresentar determinado fato utilizando de técnicas e ilustrações que se diferem das de um documentário.

Assim sendo, ao se deparar com a narrativa documental praticamente completa (considerando que resquícios do acontecido ainda se estendem até os dias atuais) de um caso policial envolvendo uma figura política influente e um jornalista de sucesso, foi proposta a ideia de realizar uma história em quadrinhos sobre o tema, adaptando os fatos apresentados no “Bandidos na TV” utilizando as técnicas usadas dessa outra mídia, com suas especificidades plásticas e narrativas.

Ao “converter” essa história para uma outra linguagem narrativa, como seria a das histórias em quadrinhos, buscou-se discutir quais as potencialidades dos quadrinhos para a elaboração da narração de uma história em função da especificidade do produto proposto. Parte-se da hipótese de que a narração varia de acordo com o gênero e se deduz que a transformação dessa estrutura é baseada em usar técnicas diferentes para, narrando (e atualizando) a mesma história com a busca da fidelidade das fontes, gerar um produto diferenciado. Ao abordar o caso em uma história em quadrinhos, a narrativa apresenta uma nova possibilidade criativa, levando em conta fatores como a sequencialidade, a simultaneidade, a dinamicidade, a expressividade visual na arte, e a liberdade de montar cenários sem as barreiras mais objetivas captadas pelas lentes cinematográficas; em outras palavras, alguns dos eventuais limites expressivos que estariam presentes a princípio em uma narrativa de documentário audiovisual *live action* podem ser facilmente ultrapassados em uma história em quadrinhos. Além disso, reportagens em quadrinhos são pouco estudadas academicamente e mercadologicamente, mas trata-se de uma área bem ampla e presente no mercado, mesmo que de forma segmentada, incluindo no Brasil.

Como a autora já possui habilidades e conhecimentos artísticos desenvolvidos neste segmento profissional, houve a ideia de potencializá-los visando crescimento para futuramente vir a ocupá-lo, por se tratar de uma habilidade que pode ser acrescentada e útil ao jornalismo.

O objetivo geral foi o de desenvolver uma história em quadrinhos baseada no caso Wallace Souza tendo como base o documentário da Netflix, mas atualizando-o com informações posteriores à sua produção e exibição, visando assim estudar as

especificidades da linguagem e da narrativa em quadrinhos, compreender o processo de adaptação entre as duas mídias e discutir as potencialidades dos recursos dos quadrinhos a partir do processo de realização do produto.

Primeiramente, será necessário apresentar todo o caso Wallace Souza: passando por sua vida antes do “Canal Livre”, a pessoa que ele era durante o programa, suas problemáticas, sua fama política e a grande queda de sua carreira ao começar a ser investigado por seus crimes até a sua morte. Em seguida, uma contextualização sobre a popularidade do programa devido ao sensacionalismo e ao grotesco, e como isso influenciou para a construção da imagem de justiceiro de Wallace Souza. Será também contextualizado o que seria uma narrativa documental; para assim poder introduzir o documentário feito sobre o caso, chamado “Bandidos na TV”, da plataforma de *streaming* Netflix. Em continuação, será introduzido o que é uma história em quadrinhos mostrando a sua estrutura e qual é a seu papel dentro do cenário jornalístico, com as reportagens em quadrinhos; entrando em maiores detalhes técnicos dessa construção narrativa que envolve capacidades diversas. Autores diversos do gênero são citados para melhor entender como funciona esse método de fazer notícia, visando apresentar o caso da maneira mais clara, objetiva e dinâmica possível. Tendo tudo isso bem delimitado, o último capítulo discute todo o processo criativo por trás da história em quadrinhos do caso de Wallace Souza. Para isso, serão utilizados todos os conceitos apresentados sobre a construção de uma história em quadrinhos, o entendimento do que foi adaptado do documentário para essa outra narrativa utilizando das potencialidades dos quadrinhos para a criação de um produto novo que utiliza inclusive fatos extras do caso em questão. Usar os autores de reportagens e quadrinhos como referência e abordar o sensacionalismo e o grotesco durante a narração da história.

2 O CASO WALLACE SOUZA

Neste capítulo, será apresentado o caso de Wallace Souza do Canal Livre a partir principalmente de depoimentos colhidos pelo documentário “Bandidos na TV”, que servirá de base para a construção da narrativa em quadrinhos, mas complementado por matérias jornalísticas que também servirão de fonte para o produto oriundo deste trabalho de conclusão de curso. Também será exposta a questão do grotesco e do sensacionalismo no jornalismo, assim como alguns elementos que se referem à construção do gênero audiovisual documentário e ajudem a situar a principal referência documental para a produção da história em quadrinhos.

2.1 – O Canal Livre

Em agosto de 1958, na cidade de Manaus, no Amazonas, nasceu Francisco Wallace Cavalcante de Souza, que, futuramente, viria a se tornar uma das personalidades mais comentadas no jornalismo e na política brasileira. Francisco sempre demonstrava desaproveitar qualquer tipo de criminalidade que ocorria no Amazonas desde muito cedo, principalmente por conta da perda de um dos seus irmãos para o tráfico; dessa sua insatisfação com a aplicação da lei para resolver o problema, surge a ideia de criar um programa televisivo cujo principal objetivo era denunciar e combater os criminosos. Assim sendo, em 1996, estava no ar o “Canal Livre” na TV Rio Negro (atualmente conhecida como TV Bandeirantes Amazonas), apresentada por ele próprio. Mas agora, seria conhecido apenas como Wallace Souza.

Um pai de família quando descia tarde da noite às vezes era morto por causa de um cigarro. Manaus era assombrada por essa violência. Eu digo: vou ver se eu faço um programa para combater isso e comecei a fazer um programa de polícia (SOUZA apud BANDIDOS, 2019).

Sendo um ex-policia, Wallace tinha muitos contatos na área e, por isso, era sempre o primeiro meio de comunicação a transmitir os crimes que ocorriam diariamente. Mais de uma vez, a equipe do “Canal Livre” estava na cena antes mesmo da perícia chegar ao local.

A popularidade do programa fez com que a equipe, que era bem reduzida no início, fosse aumentada para suprir toda a demanda. De acordo com o produtor Victor

Hugo de Paula (apud BANDIDOS, 2019), o “Canal Livre” era líder de audiência, vencendo até mesmo a Globo.

Ao conferir trechos do programa, pode-se notar que ele misturava humor com as notícias chocantes, que envolviam a exibição dos corpos de vítimas de homicídios em televisão aberta. O sangue era um elemento bem presente em todas os fatos noticiados, incluindo certo humor negro por parte dos repórteres, que as vezes faziam algumas piadas em relação ao crime. Além disso, a revolta de Wallace contra a criminalidade era visível, mais de uma vez dizendo que traficantes deveriam ser executados.

Segundo alguns ex-funcionários, como Victor Hugo, Wallace recebia constantemente pedidos de ajuda da população para resolver casos criminais, como se o “Canal Livre” tivesse se tornado uma delegacia. Desse modo, a popularidade do programa e de seu apresentador foi crescendo baseado em uma imagem de um homem que não tinha medo de enfrentar a bandidagem.

Portanto, não demorou muito para que Wallace se lançasse na política. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ele foi o deputado federal mais votado em todos os seus três mandatos.¹

Entretanto, a prisão de um determinado traficante viria a mudar toda a história do parlamentar. Moacir Jorge da Costa, mais conhecido pelo apelido de Moa, era um ex-policia militar que foi expulso da corporação e, em 2008, já respondia por nove homicídios. Assim que foi capturado pela polícia, Moa tentou subornar os oficiais com 10 mil reais para que o liberassem. Segundo ele, era um preso especial, que se fosse colocado com outros detentos, certamente seria assassinado. Em troca de proteção, Moa escolheu delatar.

Moa fazia parte de um grupo criminoso forte, com grande armamento. Eles traficavam, eles matavam, dezenas de homicídios [...] Ele relatou, em uma parte do seu depoimento, que certa vez houve uma reunião na casa de um líder criminoso e que ele deu ordem para que seu grupo agisse em toda cidade de Manaus provocando crimes, roubos e homicídios. Esse líder criminoso, era o deputado Wallace Souza (CAVALCANTI, apud BANDIDOS, 2019).

1 Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores>. Acesso em 23 jun. 2022.

Em seu depoimento, Moa relatou que o motivo pelo qual a equipe do “Canal Livre” era sempre a primeira a chegar nas cenas de homicídio, era porque elas teriam sido encomendadas pelo grupo criminoso de Wallace Souza a fim de aumentar a audiência. O caso, devido a sua natureza incomum, teve a atenção da mídia na época.

Wallace se dizia inocente das acusações do traficante e foi até a tribuna afirmar que tudo aquilo se tratava de uma perseguição política; inclusive, em entrevistas aos jornais, dizia que Moa nunca havia trabalhado para ele e nem mesmo o conhecia. Como é evidenciado no trecho de seu discurso apresentado no documentário, muitos de seus colegas deputados se puseram ao seu lado. Sem nenhuma prova, era a palavra de alguém que possuía uma imagem positiva na população contra a de um homem com larga ficha criminal.

Entretanto, o caso teve uma virada inesperada. Certo dia, chegaram algumas fotos nas redações dos jornais, que ninguém sabia quem havia enviado; algumas delas, desmentiam as palavras de Wallace ao exibir ele ao lado de Moa na piscina de sua residência. Foi montada, então, uma força-tarefa composta por membros da Polícia Civil e do Ministério Público para realizar a investigação.

Para os investigadores, o caso não se resumia apenas no ato de cometer crimes para gerar audiência, era “executar os desafetos, os concorrentes, e ao mesmo tempo traria matéria” (VASCONCELOS, apud BANDIDOS, 2019). Em outras palavras, Wallace iria ganhando espaço e poder no mundo do crime enquanto fazia seu programa render.

Em certo momento, eles começaram a ficar com o dinheiro apreendido durante as abordagens policiais nas casas dos traficantes. E, no final, eles começaram a ficar com a própria droga. E depois isso evoluiu. Para vender essa droga, eles precisavam estipular territórios. (CAVALCANTI, apud BANDIDOS, 2019)

Dentre os muitos depoimentos de Moa que serviram como pivôs para o caso contra Wallace Souza, destaca-se o caso de um corpo carbonizado que foi noticiado pelo “Canal Livre” no dia 29 de agosto de 2008. Na reportagem,² é possível ver a chegada do repórter Lerron Santiago ao local, fazendo comentários relacionando o cheiro do corpo com um churrasco enquanto o exibe; além disso, aponta que se trata

2 Reportagem disponível em:

<https://www.netflix.com/search?q=bandidos%20na%20tv&jbv=80217946>. Acesso em 10 mai. 2022.

de um homem, que provavelmente teria sido morto durante a madrugada, que foi desovado naquele local, não tinha marcas de bala e que o fogo teria sido provocado por gasolina. De acordo com Thomaz Vasconcelos (apud BANDIDOS, 2019), o repórter tinha acabado de chegar e sabia de detalhes do crime muito específicos que nem mesmo a perícia tinha apontado ainda.

Em seu depoimento, Moa contava que o crime teve participação de Raphael Souza, filho do apresentador, e foi cometido por ordens de Wallace. O objetivo era realizar um arrocho³; Renato Fernandes Teixeira havia recebido um carregamento de drogas e em seguida teria sido abordado pelo filho do parlamentar e outra pessoa, que roubaram a mercadoria e o assassinaram.

Outro caso que teve a atenção da força-tarefa e que Moa entrou em detalhes sobre, foi o do assassinato de Alessandro Silva Coelho, mais conhecido como Bebetinho; ele estava dentro de seu carro, voltando de um show, quando foi executado com vinte tiros (HOMEM, 2008). A vítima era filho do chefe do tráfico Luiz Alberto Gomes Coelho, conhecido “Bebeto da Praça 14”, que, segundo Divanilson Cavalcanti (apud BANDIDOS, 2019), tinha um largo histórico de violência e renome no mundo do crime. O homem deixou claro que iria se vingar pela morte do filho e seguia uma pista de que Raphael Souza estava envolvido. Um tempo depois, Bebeto também foi morto.

Nesse cenário, surge Mary Tereza Ramos de Albuquerque, a esposa de Moa; ela declarou que seu marido tinha lhe contado que havia sofrido torturas físicas e psicológicas para que mentisse em seus depoimentos a fim de derrubar o deputado Wallace Souza. Devido a essa declaração, uma equipe da Comissão dos Direitos Humanos do Amazonas foi interrogar Moa para avaliar se a tortura teria, de fato, acontecido. “A pergunta que foi feita é se ele conhecia o deputado Wallace, ele começa a depor e cai em contradição. O problema é que o Moa em si não era uma pessoa confiável. Ele ficou totalmente atrapalhado por causa da fotografia” (CASTRO, apud BANDIDOS, 2019).

3 Consiste em um grupo de milícia roubar carregamentos de drogas de traficantes e depois revender os produtos. Disponível em: <https://olivre.com.br/conheca-o-arrocho-crime-no-qual-bandido-rouba-bandido>. Acesso 15 mai. 2022.

Em seu depoimento,⁴ o traficante nega ter estado na mesma piscina que o deputado, mesmo com as fotos sendo usadas como prova. “Com base nas explicações e nos documentos do secretário (Thomaz), eles se sentiram convencidos, na época, que o Moa não foi torturado” (LITAIFF, apud BANDIDOS, 2019)

Depois que a denúncia de tortura foi avaliada e os deputados concluíram que era falsa, a esposa de Moa, Mary, fez outro depoimento que mudou novamente o rumo da investigação: ela disse que tinha recebido dinheiro para contratar um advogado do deputado Wallace a fim de convencer o Moa a dar depoimentos que ajudassem o deputado.

Eu fui à casa do deputado [...] Ele falou que o Jorge (Moa) estava falando muitas coisas que estavam comprometendo ele. E eu mesma disse que ‘você paga o advogado que meu marido vai ter que voltar atrás em tudo que ele falou’ (ALBUQUERQUE, apud BANDIDOS, 2019).

De acordo com Paula Litaiff (apud BANDIDOS, 2019), os oficiais não podiam revistar a casa de Wallace por ele ter foro privilegiado⁵; entretanto, conseguiram um mandado de busca e apreensão para seu filho Raphael que, por coincidência, morava com o pai.

No quarto do deputado foram encontrados uma lista com armas e uma grande quantidade de dinheiro em reais e em dólares. Já no quarto de Raphael, trancado em um armário, foram encontrados um saco plástico com cerca de nove munições deflagradas e uma lista, que mostrava o nome de todos os narcotraficantes que tinham sido assassinados pelo grupo criminoso. Nesse momento, foi dada voz de prisão à Raphael Souza, que saiu da casa em uma ambulância por ter passado mal.

Enquanto Wallace buscava liberar o filho e provar sua inocência, a prisão de outro traficante trouxe mais uma reviravolta ao caso: Frank Oliviera da Silva, mais conhecido como “Frankzinho do 40”, que dizia que pagava cerca de 1,500 reais semanais para a organização criminosa de Wallace Souza a fim de que o “Canal Livre” não divulgasse o nome dele, podendo assim seguir com suas ações criminosas.

4 Depoimento disponível em:

<https://www.netflix.com/search?q=bandidos%20na%20tv&jbv=80217946>. Acesso 19 fev. 2022.

5 É o direito atribuído a algumas autoridades que ocupam cargos públicos de não serem julgadas perante a primeira instância em matéria penal (crimes comuns ou de responsabilidade). Disponível em: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/foro-privilegiado-entenda-o-que-e-e-como-funciona-15022022/>. Acesso em 20 out. 2022

O caso já estava tendo repercussão na mídia, mas teve seu auge em agosto de 2009, quando o Fantástico, programa que na época tinha 36 anos de história, o exibiu em uma reportagem. Deve-se levar em conta que o programa é de infotimento (informação e entretenimento) e busca trazer assuntos que “casam” com o seu objetivo; o que era o caso do jornalista que mandava matar por audiência.

Seu caráter informativo de relatar os acontecimentos é conformado com o objetivo de alimentar a conversação cotidiana, com vistas à formação da opinião pública sobre a realidade social. Aqui, entram os elementos que promovem a condução interpretativa do telespectador, dentro dos conteúdos transmitidos, como a postura dos mediadores. (GOMES, p. 278, 2011)

E foi graças a isso que a opinião pública começou a mudar, principalmente porque o caso chamou atenção internacional, sendo exibido em mais de um país. Tratava-se de um caso diferente, que despertou a curiosidade dessas pessoas principalmente em relação ao final dessa história. Essa repercussão afetou a análise dos deputados, “a partir daí, o processo já estava decidido que iria ao plenário.” (MORENO, apud BANDIDOS, 2019). A votação que decidiria o destino de Wallace foi realizada no dia 1º de outubro de 2002. Ele tentou, pela última vez, convencer seus colegas de profissão a ficarem ao lado dele. “Entre condenar um inocente, absolvam um suposto culpado. Porque não há nenhuma prova contra mim” (SOUZA, apud BANDIDOS, 2019). Entretanto, o resultado foi que perdeu o seu mandato.

Wallace, que já estava doente, foi piorando gradativamente. A juíza Mirza Telma Cunha, da vara de homicídios, teve que ir pegar seu depoimento em relação às acusações no hospital em que ele estava internado. Ela instruiu todo o processo e concluiu que havia indícios suficientes para levar os denunciados Raphael Souza, Moacir Jorge, Wallace Souza e Mário Rubens Nunes Silva (motorista suspeito de levar o carro em alguns dos homicídios) a júri popular composto por sete jurados. Entretanto, no dia 27 de julho de 2010, o ex-deputado morreu vítima de ascite, conhecida como 'barriga d'água' (MORRE, 2010).

A morte de Wallace antes mesmo de seu julgamento não impediu que ele seguisse com os outros três acusados. A decisão final do júri popular foi que Mário e Moa (apesar de ter continuado preso por associação ao tráfico⁶) foram absolvidos das

6 Trata-se de crime doloso, com especial fim de agir, qual seja, o de traficar drogas ou maquinários. Disponível em: <https://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/121927853/o-que-se-entende->

acusações; já Raphael foi condenado pela prática do crime de homicídio simples, que seria a ação de matar alguém sem agravantes cruéis (qualificadoras) ou sem domínio de violenta emoção (privilegiado).⁷

Em janeiro de 2017, Moa foi queimado vivo durante a rebelião no Compaj (SEVERIANO, 2017), onde mais de 50 pessoas foram mortas. Raphael está em regime aberto e ainda responde pelas acusações (QUEIROZ, 2022).

Em outubro de 2021, o “Canal Livre” voltou ao ar, dessa vez na Band. Apresentado por Willace Souza, outro filho de Wallace, que busca seguir o trabalho do pai. “Aqui eu carrego um legado de justiça [...] Nós queremos reconstruir uma história de dar voz e vez às pessoas.” (SOUZA, apud REENLSOBER, 2021)

2.2 – A popularidade do grotesco

Considerando os fatos apresentados, é notável que a popularidade de Wallace Souza foi um fator decisivo para ser três vezes o candidato a deputado estadual mais votado e para os índices de audiência do “Canal Livre”. Isso poderia ser explicado graças ao sensacionalismo e a presença do grotesco, termo que funciona também como catástrofe.

Predominam hoje dois padrões de programação: o "de qualidade", ou seja, esteticamente clean, bem-comportado em termos morais e vi suais e sempre fingindo jogar do lado da "cultura", e o do grotesco, em que se desenvolvem as estratégias mais agressivas pela hegemonia de audiência. (SODRÉ e PAIVA, 2002, p. 103)

O “Canal Livre” se encaixava na segunda definição, apresentando perseguições policiais, denúncias, revolta em nome da população que vinha sofrendo constantemente essa violência e a exibição dos corpos das vítimas de homicídios em TV aberta. No caso, a popularidade desse tipo de conteúdo se dá pela vitimização do público: “A massa analfabeta e socialmente desarraigada seria "vítima" de um sistema absolutamente perverso, que poderia, mas não quer, oferecer uma programação formativa, de nível cultural mais ‘elevado’” (SODRÉ e PAIVA, 2002, p. 133). Ou seja, todo esse conteúdo estava em sua programação considerando o que o público queria consumir; segundo Sodr e e Paiva, trata-se de um contrato entre a TV e a sua

[por-associacao-para-o-traffic-confunde-se-com-o-crime-de-quadrilha-ou-bando](#). Acesso em 05 out. 2022.

7 Definição disponível em: <https://cnj.jusbrasil.com.br/noticias/432317906/cnj-servico-conheca-os-diferentes-tipos-de-homicidios> Acesso em 30 set. 2022.

audiência. E é por isso que “Onde há mortes, há jornalistas. A morte é um valor notícia fundamental para essa comunidade [...]” (TRAQUINA, 2005, p. 79).

Como um jornal sensacionalista, que “é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato” (ANGRIMANI, 1995, p. 16), Wallace se apresentava como uma autoridade com o poder de julgar os criminosos e restaurar a ordem que a polícia sozinha não conseguia. Ele mostra o caso e exterioriza a repulsa do público, “diz aquilo que o ouvinte gostaria de estar dizendo para o criminoso” (ANGRIMANI, 1995, p. 40). Daí vem a necessidade de mostrar em vídeo o grotesco da morte e a tragicidade da situação: para comover, revoltar e fazer quem assiste pensar que aquele apresentador é a pessoa que está ali fazendo a diferença de alguma forma.

Na televisão, a edição de um jornal sensacionalista não pode ser a mesma de um jornal analítico informativo. Há necessidade de mostrar justamente o que o outro não mostra. O repórter tem que provocar emoção, precisa narrar a notícia em tom dramático. A edição não pode cortar a imagem da mãe que chora desesperada a morte de seu filho. Ao contrário, deve, de preferência, mostrar o cadáver, ou o sangue no chão (se a reportagem tiver chegado tarde). (ANGRIMANI, 1995, p.40)

Além da morte, as matérias sobre denúncias de traficantes ou outros criminosos também mexiam com o público, mas em outro sentido: o de se sentir parte daquela situação consideravelmente emocionante e perigosa, mesmo estando sentados sem seus sofás em suas casas totalmente seguras. Para gerar esse sentimento, o repórter e o cinegrafista participam das operações policiais como se fossem agentes, tomando cuidado para capturar em vídeo as melhores imagens e com uma narração que aproxima o telespectador, como se ele também estivesse ali.

A cenas seriam centralizadas na ação policial, mostrando armas e o assalto dos policiais à casa, onde a criança estaria presa. O repórter, acompanhado pela equipe, entraria em seguida, como se fizesse parte da força de resgate, proporcionando prazer vicário ao telespectador, como se ele não estivesse protegido em sua casa, mas participando da ação repressiva. O tom da narração seria carregado de dramaticidade e a edição poderia ser apresentada como se fossem “capítulos” de novela, percorrem-no todo o telejornal, que encerraria com a união da família – e, se possível, – com a punição dos criminosos. (ANGRIMANI, 1995, p. 41)

Essa situação real e ao mesmo tempo roteirizada faz parte de uma categoria estética específica. Apesar de não ser algo ficcional, trata-se da criação de uma obra que leva em consideração, segundo Sodré e Paiva, quatro elementos constitutivos; entre eles, “a reação do espectador ou contemplador caracteriza-se por uma impressão de natureza emocional: piedade e horror (trágico), riso (cômico), espanto e

riso (grotesco) e assim por diante” (SODRÉ e PAIVA, 2002, p. 35). O riso, por exemplo, pode ser evidenciado em casos do programa como o do corpo carbonizado, em que o repórter, diante do corpo daquela vítima, a compara com um churrasco.

Da mesma forma, Wallace trabalhava sua imagem como um justiceiro acessível, que conversava e ouvia as pessoas que se sentiam sem voz e queriam que a justiça fosse feita. Justamente por isso que muitas vezes o “Canal Livre” recebiam pedidos de ajuda antes mesmo da polícia ser informada. “A gente chegava primeiro porque as pessoas nos ligavam. Não ligavam nem para o 190, pra polícia. Ligavam pra gente” (SENA, apud BANDIDOS, 2019).

Como Wallace era uma pessoa que cobrava ações do estado para a melhoria daquela realidade, ele mesmo se lançou na política com a promessa de fazer valer o que ele mostrava acreditar diante das câmeras do “Canal Livre”.

2.3 – O documentário “Bandidos na TV”

Devido a repercussão do caso, foi lançado no dia 31 de maio de 2019 o documentário serializado “Bandidos na TV” na plataforma de streaming Netflix, que faz um apanhado de toda a investigação envolvendo Wallace Souza desde o início do “Canal Livre” até a sua morte. Com a direção de Daniel Bogado, a série se divide em sete episódios, apresentando trechos do programa, do interrogatório, de entrevistas e também depoimentos de pessoas que estiveram envolvidas na época.

Um apresentador que, supostamente, matou pessoas para transmitir as mortes no seu programa. Mas quando começamos a pesquisar, constatamos que isso é apenas o ponto de partida. Os acontecimentos seguintes são repletos de reviravoltas e choques. (BOGADO, [s.d],n.p.)

O documentário também se apoia em encenações de determinados momentos que foram marcantes na trajetória do caso; escolhendo atores com características semelhantes às das pessoas da vida real e gravando de forma dinâmica de acordo com a descrição. Diversas vezes esses momentos nem sequer precisam de algum comentário explicando do que se trata, pois já são autoexplicativos e não estão inseridos apenas para que exista o visual; eles também formam a narrativa. A ideia do documentário é narrar fatos que teriam acontecido, mas isso não o impede de apelar para traços ficcionais para ajudar o espectador a visualizar aquele determinado acontecimento da melhor forma possível. O uso da encenação é presente no gênero documental desde muito tempo.

Embora classificados como gêneros diferentes, ficção e documentário não são tão distantes assim. O primeiro filme classificado como documentário, *Nanook, o Esquimó (Nanook of the North)*, de Robert Flaherty (1922), já trazia aspectos da ficção, tais como: encenação, uso de locação nas filmagens, escolha de "atores" para as cenas, representação de atividades extintas, mas tradicionais daquele povo, etc. (SILVA, 2012, p.20)

“Bandidos na TV” utiliza muito dessa técnica, principalmente quando quer mostrar as cenas de homicídio que podem não ser verdade, visto que a grande maioria se apoia nos relatos do Moa, que voltou atrás em suas alegações. Ou seja, aqueles cenários encenados podem não representar fielmente (mesmo que seja essa a intenção) o que de fato aconteceu.

Da mesma forma, é essencial a definição de um bom roteiro que organize as informações na melhor ordem. “O desafio maior é justamente o de, através de um texto enxuto e objetivo, demonstrar domínio sobre o assunto abordado.” (PUCCINI, 2009, p. 6). O caso Wallace é extenso devido às investigações e porque o diretor do projeto trouxe pessoas que acreditam na inocência do ex-deputado enquanto outras não. Com todo esse material em mãos e tendo que tomar precauções para um depoimento não anular o outro, um roteiro bem amarrado é importante para que as informações não se misturem.

Seguindo a linha dos manuais de roteiro de ficção, Rabiger chama a atenção ainda para a necessidade de se trabalhar, no texto da proposta, ações e personagens, uma boa exposição com o tempo certo, tensões e conflitos entre forças oponentes, suspense dramático, clímax e resolução (RABINGER, apud PUCCINI, 2009, p. 8).

Ou seja, o clímax se torna um elemento importante para prender a atenção do espectador durante os episódios. O caso Wallace, por si só, possui muitas reviravoltas que foram utilizadas no documentário principalmente no final de cada parte da história. Essa protelação, segundo Bill Nichols (2010, p.126), é acolhida pela narrativa, quando as complicações podem aumentar e a expectativa crescer.

Considerando que o mundo do tráfico é um caminho ramificado (característica que segue igual nesse caso), em que um caso acaba se misturando com outro, o documentário às vezes se desvia um pouco da narrativa principal para se aprofundar em outras coisas, como contar um pouco da história de determinado “personagem” e sua ligação com Wallace Souza. Considerando que é uma obra policial, é normal apresentar algumas das principais “bifurcações” desse caminho, fazendo com que todo esse apanhando seja o responsável para conferir maior elasticidade e segurar a tensão da história.

Esses elementos serão utilizados como fonte de inspiração para a adaptação aos quadrinhos, que utiliza de outras técnicas verbais e não verbais para construir uma narrativa envolvente que conte a história de maneira sucinta e chamativa, assunto sobre o qual o trabalho se deterá no capítulo a seguir.

3 A NARRATIVA EM QUADRINHOS

Neste capítulo, será apresentada a definição das histórias em quadrinhos, assim como suas principais características construtivas, como a sequencialidade, a solidariedade icônica, o layout, o roteiro, dentre outros. Também será mostrado do que se trata o gênero de reportagem em quadrinho, discutindo princípios que foram utilizados para a criação do produto.

3.1 - As histórias em quadrinhos

Segundo Postema (2018, p. 15), “os quadrinhos são parcialmente pictóricos, parcialmente textuais e, por vezes, um misto dos dois”. Assim sendo, daria para classificar como uma história em quadrinhos aquela narrativa que utiliza tanto da linguagem verbal quanto da não verbal (embora seja algo variável, visto que o gênero é amplo e abriga diversos tipos de manifestações criativas).

[...]as histórias em quadrinhos baseiam-se num conjunto articulado de mecanismos que se envolvem na representação e na linguagem e esses mecanismos, por sua vez, governam parâmetros diversos nos quais a interação dinâmica assume formas muito variadas de uma HQ para outra. (GROESTEEN, 2015, p.21)

Apesar de ser visível a presença dessa manifestação nas pinturas rústicas das cavernas, na pintura grega e egípcia, não dá para dizer ao certo quando tudo começou. “Mas há um evento que é tão marcante na história dos quadrinhos quanto na história da palavra escrita: a invenção da imprensa” (MCCLLOUD, 1995, p. 15), e graças a isso que esse gênero pode ser amplamente difundido e pôde ir evoluindo com o passar dos anos.

Por também se tratar de uma narrativa baseada em uma roteirização, esse tipo de história compartilha muitas características em comum com outros gêneros como a literatura escrita e o cinema.

Como o cinema, os quadrinhos contam histórias e usam imagens, mas, em contraste ao filme, as imagens nos quadrinhos existem simultaneamente, separadas apenas pelo espaço, enquanto as imagens no filme estão todas no mesmo espaço (a tela) e vão sendo substituídas ao longo do tempo. Ainda, o aspecto formal dos quadrinhos que mais o distancia claramente desses dois gêneros narrativos é a maneira como a forma é construída com sequências de imagens que trabalham juntas para compor a narrativas. (POSTEMA, 2018, p.21)

E a sequencialidade é justamente um dos principais fatores que definem e constroem a narrativa em quadrinhos. Sendo mais específico, um quadro recortado e isolado pode não fazer sentido por si só, o que torna necessário visualizar os outros quadros que o seguem para que esses fragmentos sejam combinados e a história seja contada de maneira entendível. Ou seja, “a série ou sequência de representações é, precisamente, o que cria o impacto narrativo nos quadrinhos, onde os quadros são justapostos no espaço das páginas” (POSTEMA, 2018, p. 51).

E isso tudo é possível graças à solidariedade icônica que, segundo Groensteen (2015, p. 28), é um denominador comum nas histórias em quadrinhos. Ele define que as imagens que participam da sequência, mesmo que separadas por quadros, possuem uma solidariedade entre si, tornando possível a construção de uma sequencialidade aceitável. O autor também define do que se trata o quadro, fator sempre presente no gênero.

Em sua configuração normal, o quadro é apresentado como uma porção de espaço isolada por vazios e delimitado por um requadro que assegura sua integridade. Assim, independentemente de seu conteúdo (icônico, plástico, verbal) e da complexidade que possa manifestar, o quadro é uma entidade aberta à manipulação geral. (GROENSTEEN, 2015, p. 36)

Em outras palavras, apesar do que o nome diz, o quadro não precisa necessariamente ter o formato quadrangular; é um espaço livre para ser manipulado à vontade de acordo com os desejos do autor. Basicamente, ele é restrito pela sua moldura (que pode assumir várias formas) e também é um elemento da página que pode ser recortado, seja para ser utilizado para outro fim ou para remodelar a história, em casos em que ela precisa ser readaptada. Em suma, trata-se de uma divisão dentro de uma página que separa um conjunto de imagens de outro.

E, entre esses quadros, temos a sarjeta, outro fator determinante desse modelo narrativo; Groensteen (2015, p. 54) a define como um espaço vazio que cumpre a função de separar os quadros. Em contrapartida, para McCloud, seu significado vai muito mais além do que essa definição.

Apesar da denominação grosseira, a sarjeta é responsável por grande parte da magia e mistério que existem na essência dos quadrinhos. É aqui, no limbo da sarjeta, que a imaginação humana capta duas imagens distintas e as transforma em uma única ideia (MCCLLOUD, 1995, p.66)

Esse espaço vazio entre os quadros esconde um lapso de tempo que não foi visualmente mostrado para o leitor, e por isso seria uma existência misteriosa. Afinal, o que o personagem fez naquele espaço de tempo (que pode ser coisa de segundos ou até mesmo de anos) acaba despertando alguma curiosidade.

Os quadros, envoltos da moldura, se juntam com as sarjetas e fazem uma combinação sequencial que resulta em algo novo. “Todos esses elementos juntos criam o layout da página dos quadrinhos, em outras palavras, o layout institui as condições para a leitura” (POSTEMA, 2018, p. 58). O layout diz muito sobre a história em quadrinhos e apresenta diferentes possibilidades; Bárbara Postema define a taxonomia dos layouts em seis formatos diferentes (p. 60, 2018): formato 1 - Quadros com molduras, separados pelo espaço em branco; formato 2 - Um quadro por página; formato 3 - muitos quadros por página; formato 4 - quadros sem moldura; formato 5 - diagramas; formato 6 - inserção/anexação.

Dentre eles, destaca-se o primeiro formato, que foi o escolhido para a construção do projeto prático. É um modelo em que a sarjeta se faz bem presente e, segundo Postema (2018, p. 61), “sinaliza as várias conexões entre os quadros que estarão presentes, levando a significação dentro do quadro para os outros, sobretudo quando eles contêm os códigos temporal ou narrativo.” Em geral, pode ser considerado o formato mais tradicional dentre os quadrinistas e, apesar de ser mais padronizado, tem espaço para a criatividade na distribuição de quadros por página.

Um fator que costuma estar sempre presente nas produções, com certas exceções, é o texto, que pode se manifestar de diversas formas: seja como fala, pensamento, narração ou onomatopeia.

Em alguns casos, nos quadrinhos e em outras formas gráficas e literárias, as imagens dominam, mas com mais frequência o texto assume o centro do palco, fazendo as imagens desempenharem no máximo um papel de apoio, apenas, como no caso das narrativas ilustradas. (POSTEMA, 2018, p.123)

O que explicaria esse fato é que as pessoas estão mais acostumadas com o verbal. O texto facilita o entendimento do quadrinho, apoia na construção da narrativa e coloca na boca dos personagens o que eles querem passar ao leitor. Sem contar que a existência dos balões que, em geral, separam o texto do desenho e dão mais destaque para que ele não se confunda em meio às informações.

Mesmo com as características consideradas padrões no gênero (lembrando que trata-se de um meio amplo que pode ser modificado de acordo com as vontades do autor), é difícil definir qual é a essência das histórias em quadrinhos.

Não há evidências de que alguém se expresse desse modo — embora a prática de quadrinhos seja, técnica e financeiramente falando, acessível a todos, como confirma a disposição das crianças em produzi-las. Não se pode deixar de compará-las com outras formas de criação[...] que participam de pleno direito dos domínios da arte e da ficção. Uma vez que as histórias em quadrinhos não se baseiam numa utilização particular da linguagem, não há lugar para defini-las em termos de dicção. Mas eles igualmente não se confundem com uma modalidade de ficção, dado que existem quadrinhos publicitários ou de propaganda, quadrinhos pedagógicos ou políticos e, ocasionalmente, quadrinhos-reportagem onde predomina o objetivo de informar, de reportar. (GROENSTEEN, 2015, p. 29)

Em outros termos, é possível utilizar dos quadrinhos para as mais diversas finalidades, sejam ficcionais ou não. Dentre elas, destaca-se a utilização desse meio para informar, elemento importante para o jornalismo em quadrinhos.

3.2 - A reportagem em quadrinhos

O jornalismo em quadrinhos vem ganhando espaço nos últimos tempos, principalmente por se tratar de um meio amplo e criativo para distribuir informação. Ao utilizar a estética visual da arte narrativa em quadrinhos, o jornalista consegue alcançar determinadas sensações no leitor que não conseguiria se fosse apenas um texto corrido. Sem contar que esse gênero não tem um ritmo obrigatório, cada um pode ler na velocidade que se sentir mais confortável e também pode parar na hora que quiser. Essa característica, que já é natural dos quadrinhos, é a mesma que vem fazendo com que outros meios de comunicação se modifiquem para que possam ser consumidos de acordo com a vontade do público.

Este novo comunicante se apresenta aqui como um novo gênero jornalístico, pois relatar uma história com uma sequência de imagens não é algo inédito. O que são algumas pinturas rupestres senão uma história sequencial? O diferencial é a intencionalidade e o caráter cultural na mescla de linguagens, na intenção comunicacional. Destarte, infere-se que o jornalismo em quadrinhos informa a partir da amálgama de duas linguagens que, a priori, tinham tudo para ser antípodas, mas que convergem para um ponto e criam uma linguagem própria. (MEDEIROS e GOMES, 2012, p. 6)

Ou seja, o que faz o jornalismo em quadrinhos é a união de imagens e textos fragmentados que, juntos, apresentam uma história recheada com fatos apurados e com as informações que um jornalista reuniu para abordar aquele assunto. Além disso, destaca-se também que esse gênero costuma sofrer influências de procedimentos policiais. Como destaca Santana e Bari (2020, p. 98), as profissões de

jornalista, quadrinista e criminalista surgiram juntas e seguem interligadas, tornando-se fontes de informação.

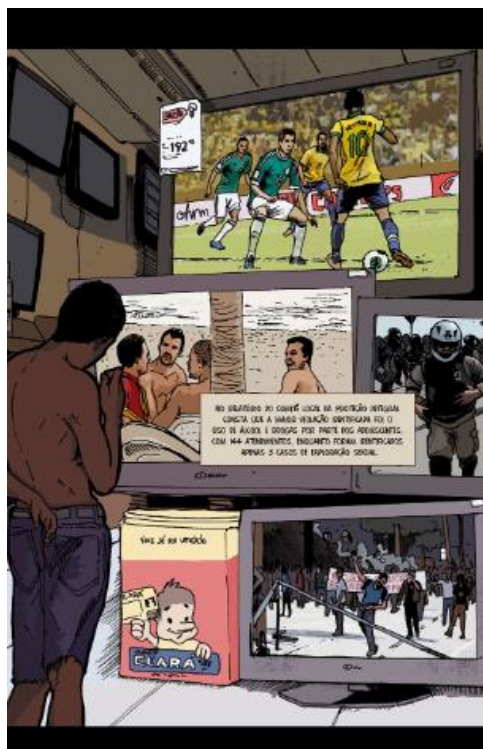
Uma das mais claras evidências da presença de procedimentos quadrinísticos no pensamento gráfico do jornal é a reconstituição de acontecimentos. Típico das seções policiais dos jornais, essas reconstituições utilizam a técnica quadrinística dentro de uma reportagem tradicional, seja porque as cenas não foram fotografadas, seja para mostrar melhor o desenvolvimento de um acontecimento. As reconstituições sequenciais narram graficamente o fato. São já, portanto, um embrião do jornalismo em quadrinhos (DUTRA, apud SANTANA e BARI, 2003, p.15).

E essa presença policial no gênero se estende para os conteúdos das histórias em si, considerando que muitas acabam trazendo algum tema voltado para investigações, casos criminais ou coisas do gênero.

No Brasil, por exemplo, podemos destacar a série de quadrinhos “Meninas em Jogo” da Pública (Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo), que foi premiada no VII Concurso Tim Lopes de Jornalismo Investigativo na categoria especial “Violência sexual contra crianças e adolescentes no contexto da Copa do Mundo de 2014”.⁸ A obra, dividida em cinco capítulos, trata-se de uma cobertura policial sobre a exploração sexual de meninas menores de idade, que pode ser vista na imagem a seguir.

8 Disponível em < <https://www.childhood.org.br/a-serie-de-quadrinhos-meninas-em-jogo-foi-premiada-no-vii-concurso-tim-lopes-na-categoria-especial-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-contexto-da-copa-do-mundo-2014> > Acesso em 05 out. 2022.

Figura 1: página da reportagem em quadrinhos “Meninas em jogo” da Púbrica



Fonte: <https://apublica.org/hq/2014/05/hq-meninas-em-jogo/>

Conforme a imagem, “Meninas em Jogo” é um quadrinho colorido e com artes que buscam reconstruir de modo realista a realidade retratada (quase como se fossem fotos). A narrativa de “Meninas em jogo” se constrói em cima dos balões de narração e de fala, assim como imagens que falam por si só e apoiam a construção da história: a página acima, por exemplo, trata-se de um recurso interessante do autor de apresentar a realidade daquele contexto de maneira rápida, compreensível e sem a necessidade de construir um longo texto, utilizando das telas das televisões, algo que inspirou o produto aqui realizado também pela sua natureza temática. Além disso, a narrativa inclui nas primeiras páginas as pessoas responsáveis por ela como sendo personagens, contando como começaram a investigar e preparar o projeto. Nessa página específica, o único quadro a preenche por completo, mas a reportagem não é inteiramente assim, possuindo também diversos quadros por página, conferindo ritmos distintos de leitura ao quadrinho.

No mesmo ano, o artista gráfico Robson Vilalba ganhou o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, na categoria de artes, graças à sua reportagem em quadrinhos “Pátria armada, Brasil” no jornal Gazeta do Povo. Também com teor

de investigação policial, a obra resgata episódios da época da Ditadura Militar no Paraná, que pode ter uma de suas páginas conferida na imagem a seguir.⁹

Figura 2: página da reportagem “Pátria armada, Brasil”, de Robson Vilalba



Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/50-anos-do-golpe-de-1964/o-mais-longo-dos-anos-8hyc0pzbqryz3w26zyta6n49a/>

De acordo com a imagem acima, pode-se destacar que Robson Vilalba possui um estilo gráfico diferente do anterior; essa reportagem em quadrinhos premiada é inteiramente em preto e branco, com imagens quase que caóticas devido às grandes informações que são inseridas nelas. O quadro possui mais liberdade, tem molduras variadas, balões de narração que invadem o espaço da sarjeta e um acúmulo de

9 Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/artista-grafico-da-gazeta-ganha-premio-vladimir-herzog-eeb7qbr36b4etqildze0a2uz2/>. Acesso em 05 out. 2022

detalhes em uma só página por vez. Muitas informações são encaixadas em uma única página, fazendo com que ela acabe tendo muito texto; entretanto, a presença de muitos balões de narração acaba quebrando isso, auxiliando na divisão das ideias de forma mais clara.

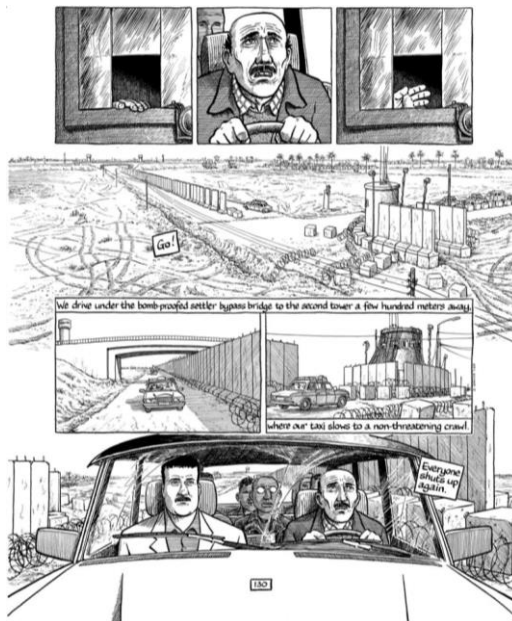
Ao final da imagem acima, podemos notar também um artifício comum no gênero, a nota de rodapé. Visto que algumas explicações não cabem na história em si, acrescenta-se um asterisco no final com esse significado.

Recentemente, em 2019, foi lançada na internet a Badaró, primeiro veículo brasileiro focado em jornalismo em quadrinhos, apesar de também ter espaço para o audiovisual e os textos corridos. Em geral, suas reportagens em quadrinhos também abordam casos policiais, como: “O agro quer tomar as terras indígenas: entenda o marco temporal”, “Angola: uma tragédia com atuação brasileira” e “EUA e Talibã: um caso de amor mal resolvido”. As reportagens são mais curtas, objetivas e contam com mais de um autor, o que abre espaço para traços diferentes entre si.

Dentre os nomes do jornalismo em quadrinhos, deve-se ressaltar a maior referência para o projeto prático: o jornalista maltês Joe Sacco, que ganhou destaque graças a suas histórias em quadrinhos compiladas em “Palestina - uma nação ocupada”; obra que ganhou *American Book Award* em 1996¹⁰. Tanto nela quanto em outros de seus trabalhos, apresenta-se os conflitos e os efeitos da guerra que ele observou em suas viagens, construídas em cima de desenhos e elementos verbais, passando informação aos leitores daquela situação de forma alternativa.

10 Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02841>. Acesso em 06 out. 2022.

Figura 3: página da reportagem em quadrinhos "Notas sobre Gaza", de Joe Sacco



Fonte: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/a-biblioteca-de-raquel/o-que-ninguem-contou-sobre-gaza/>

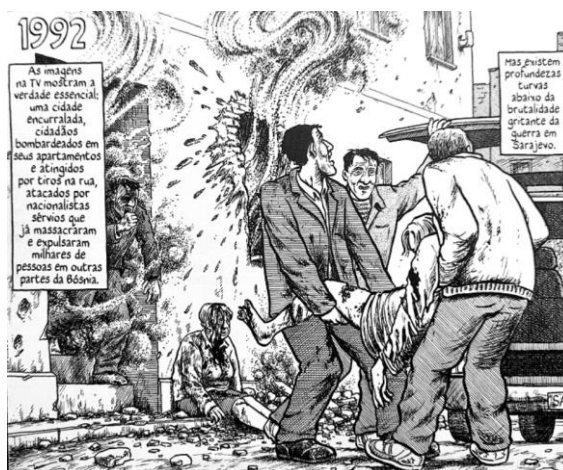
Conforme visto na figura acima e como evidenciado pelo autor, seu modelo de desenho, baseado em fotos, é predominantemente preto e branco e com uma grande quantidade de elementos. A sequencialidade é presente, e nem todos os quadros apresentam texto verbal. Sacco coloca pessoas reais em sua história, usando de seu traço para torná-las mais “cartunescas”.

Em uma entrevista ao Estadão, Joe Sacco explicou como funciona sua criação. “Basicamente, trabalho como um jornalista quando estou ‘em campo’: tomando notas, fazendo entrevistas. E eu tiro muitas fotos. Servem como referência visual quando volto para a prancha de desenho.” (ESTADÃO, 2001). O jornalista também destacou que fazer jornalismo em quadrinhos é um processo demorado, fazendo com que seja necessária uma escolha sábia de qual assunto ele irá abordar. E, considerando o cenário de guerra, o artista teve de se adaptar para transmitir aquela violência de modo que não agredisse visualmente o leitor.

Bem, não queria esfregar tudo na cara dos leitores. A coisa boa do desenho é que serve como filtro. Não sei quanto a você, mas se eu visse um filme com aquelas imagens... É de deixar doente. Mesmo fotografias, seria difícil ver um livro com fotografias de situações como aquelas. Com desenho, não se pode dizer que seja agradável, mas é possível olhar. Além disso, até onde sei, não há fotos daqueles massacres. Com o desenho, com acesso a fotografias de como eram as pessoas ou os campos de refugiados, você pode até certo ponto recriar isso. (ESTADÃO, 2010)

Ou seja, o autor teve contato direto com a violência gerada pela guerra e buscou uma alternativa para apresentar aquela realidade aos seus leitores de modo que não fosse algo muito agressivo. Em outras palavras, o grotesco pode se apresentar de maneira diferente nas histórias em quadrinhos.

Figura 4: página da reportagem em quadrinhos “Uma história de Sarajevo”



Fonte: <https://ultimatodobacon.com/uma-historia-de-sarajevo-ultimo/>

Evidenciado na figura acima, Joe Sacco, como ele mesmo diz, utiliza dos filtros dos desenhos para mostrar uma cena sangrenta de forma que não seja muito pesado para o leitor. A mulher ao fundo está visivelmente muito ferida, e pode até mesmo já estar morta; mesmo sendo tudo em variações de preto e branco, é visível que tanto ela quanto a pessoa que está sendo carregada estão cheias de sangue. O homem atrás vem tossindo, alvo da fumaça gerada pelas bombas que destruíram a janela e que são as responsáveis por aquelas pessoas feridas; um cenário de guerra violento em forma de desenho.

Os quadrinhos são uma mídia muito visceral. O leitor é colocado na cena. Também parece muito fácil, e o leitor pode ser seduzido a achar que será uma leitura tranquila. Mas você pode tocar em questões profundas com quadrinhos, assim como comunicar informações bem complicadas, e nesse sentido os quadrinhos ainda são subversivos. Como um lobo em pele de cordeiro. (ASSIS, 2011)

O jornalismo em quadrinhos trata-se de um espaço amplo para a disseminação de informações noticiosas de maneira alternativa, sofrendo influências de procedimentos policiais e incluindo temas mais aprofundados. Como destacam Medeiros e Gomes (2012, p.17), as reportagens em quadrinhos criam um formato próprio e que não necessariamente segue a deadline de um jornal tradicional; afinal, o processo de apuração e de construção é mais demorado.

4 WALLACE SOUZA: BANDIDOS NA TV

Neste capítulo será apresentado o resultado da reportagem em quadrinhos feita a partir do documentário “Bandidos na TV” e em demais informações do caso de Wallace Souza. Também será explicitado como os artifícios apresentados nos demais capítulos foram aplicados na obra, assim como a justificativa para determinadas decisões narrativas estruturais, tudo isso destrinchando cada página.

4.1 - A construção da reportagem em quadrinhos

Considerando que a principal fonte para a construção do quadrinho é o documentário “Bandidos na TV”, tratando-se de uma adaptação de um gênero narrativo para outro, alguns pontos devem ser tratados. Seguindo pela construção de McCloud (2008, p. 10), são necessárias cinco situações para a criação de uma narrativa clara e consistente: escolher o momento (quais precisam estar inclusos e quais podem estar de fora), o enquadramento (a melhor distância e o ângulo), as imagens (representar os personagens e os objetos com clareza), as palavras (selecionar as que acrescentem informações valiosas e que combinem com a imagem) e o fluxo (como vai guiar os leitores pelas páginas).

Ainda segundo McCloud (2008, p. 15), existem seis variedades de transições de um quadro para outro e que, além de serem importantes para a construção de um quadrinho, se encaixam bem em diferentes situações. Levando em conta que foram selecionadas cenas do documentário e buscando fazer com que fizessem sentido, opta-se por usar duas dessas variantes de transição: “2 - Ação a ação: um único sujeito em uma série de ações; 4 - Cena a cena: transições entre distâncias significativas de tempo e/ou espaço.” (MCLOUD, 2008, p. 15)

Essas e demais orientações já apresentadas, assim como as outras reportagens em quadrinhos, serão utilizados para a construção final do projeto, resultando em uma reportagem em quadrinhos com 16 páginas, incluindo a capa e o material de apoio no final, o trabalho intitulado de “Wallace Souza: bandidos na TV” reúne os principais pontos de toda a história do ex-deputado e apresentador brasileiro. Vale ressaltar que os momentos mais importantes deste extenso caso foram selecionados baseados na percepção da autora que o trabalho é uma interpretação.

Na verdade, acredito que qualquer mídia, incluindo a escrita e a fotografia, envolve interpretação, mas desenhar é algo particularmente subjetivo porque o artista tem que agregar diversos componentes para chegar ao retrato completo. Tento ser o mais fiel possível à situação ou à cena. (SACCO, 2011)

Ou seja, essa apresentação compromete-se a ser o mais fiel possível aos acontecimentos, atendo-se a fontes confiáveis de informação e, como não seria possível ilustrar todo o caso, escolhendo os momentos mais importantes para a construção de uma narrativa coerente. Como Puccini (2009, p. 6) destacou anteriormente, as informações foram organizadas na melhor ordem, considerado o gênero em questão, em prol de um roteiro compreensível.

Muitas das imagens do projeto foram diretamente inspiradas em fotos a fim de trazer mais veracidade às características físicas dos personagens e acontecimentos. Essas imagens foram, principalmente, retiradas do documentário “Bandidos na TV” e foram escolhidas para estarem na adaptação em quadrinhos levando em conta as cinco situações para a criação de uma narrativa de McCloud (2008, p. 10) apresentadas anteriormente, como evidenciado na imagem abaixo.

Figura 5: comparação da foto real e arte da reportagem em quadrinhos “Wallace Souza: bandidos na TV”



Fonte: <https://www.netflix.com/search?q=bandidos%20na%20tv&jbv=80217946>

Existem, inclusive, cenas na reportagem em quadrinhos que foram diretamente inspiradas em momentos do documentário. Isso tudo foi feito para encontrar a melhor forma alternativa de apresentar o caso sem os artifícios de uma narrativa documental; aqui, a encenação se apresenta de maneira diferente e sem as barreiras que um *live action* poderia ter. As principais reviravoltas do caso e o clima para prender a atenção do leitor se mantém, porém de maneira mais enxuta e seguindo um caminho de narração diferenciado.

Essa reportagem em quadrinhos segue o primeiro formato da taxonomia de layouts apresentados no segundo capítulo por Postema (2018, p. 61) que “trata-se da forma mais predominante e, provavelmente, a mais tradicional de configurar a página”. Em relação aos quadros, são poucos momentos em que a moldura assume uma posição sem ser quadrangular ou retangular, e em nenhum ela ultrapassa por cima da outra e respeita a sarjeta. Por sua vez, ela desempenha a função do lapso vazio entre dois acontecimentos, principalmente porque a história parte de um quadro a outro com diferença de espaço e tempo, concordando assim com a visão de McCloud (1995, p. 66) de que ela desempenha esse papel mágico e misterioso nas narrativas em quadrinhos.

O texto se apresenta neste trabalho principalmente com a função de narração, guiando o leitor por aquela história e amarrando a sequencialidade dos quadros; mas ele também se manifesta como falas dos personagens, que possuem peso na narrativa.

Essa análise se inicia logo na capa da reportagem em quadrinhos, que já entrega alguns elementos como, por exemplo, a proposta artística da obra: com variações entre o preto e o branco, com alguns pontos em vermelho. Essa escolha se deve a dois fatores: ao gosto pessoal da autora, que tem afinidade com histórias monocromáticas como o “Pátria armada, Brasil”, e à necessidade que surgiu de destacar o vermelho considerando que é a cor do sangue, fator presente em todo o caso de Wallace Souza. Essa cor se encontra presente nas roupas dos três personagens mais importantes da trama (Wallace Souza, Raphael Souza e Moa) para que eles possam se destacar dos demais e visando o melhor entendimento por parte dos leitores, visto que a história atravessa mais de uma fase da vida do protagonista, o que afeta algumas de suas características físicas; ao menos, a cor de suas roupas aponta que ele é o mesmo, apesar dessas diferentes. E isso também é notável logo na capa, que mostra Wallace mais velho de pé e, em uma das televisões, ele mais jovem.

Outra característica a ser considerada é que as duas televisões estão servindo como o palanque de julgamento, com dois microfones apontando para o acusado. E tudo isso está sendo filmado por mais de uma câmera, mostrando como os olhos das pessoas estavam voltados para aquele acontecimento surpreendente de um

apresentador que mandava matar por audiência. No chão, encontra-se sangue e duas fotos: a de Raphael e a de Moa.

Logo na primeira página tem-se a introdução da história, dividida em quatro quadros e seguindo uma transição de cena a cena que, como destacado por McCloud (2008, p. 17), são saltos que auxiliam a contar uma história em locais diferentes e com diversos intervalos de tempo. Nessa parte introdutória, já aparecem elementos que vão estar presentes em toda a história: ferramentas utilizadas no telejornalismo (como a câmera e o microfone), geralmente cercados de sangue ou o resultado de alguma violência. Essa escolha foi feita pela autora querer não só apresentar o caso, como também preencher as páginas com essas características mais subjetivas, que ganham significado a partir do fato que o caso gira em torno de criminalidade e jornalismo. No segundo quadro também é introduzida a primeira ideia de “investigação”, com elementos que remetem a polícia e que vão ilustrar mais o fato de que tudo aqui é, de fato, um crime. Sozinhos esses quadros não fazem sentido, mas graças à sequencialidade e a solidariedade icônica, juntamente com os balões de narração, a história começa a ser contada, fato que se faz presente em todas as páginas da obra.

A segunda página foi propositalmente dividida em três quadros iguais a fim de acompanhar o texto quando diz todas as coisas que existiam dentro do “Canal Livre” ao apresentá-lo ao leitor. Esse layout foi pensado para que cada característica do programa tivesse o mesmo espaço de tela, e vale observar que todos eles possuem uma câmera gravando a cena que se desenrola, dando um certo destaque para o último que, mostra pela primeira vez, o grotesco nesta reportagem em quadrinhos. Segue-se o mesmo ideal de Joe Sacco apresentado anteriormente, mas aqui o sangue se destaca bem mais devido ao vermelho.

Iniciamos a terceira página com o texto apresentado, pela primeira vez, como fala de uma personagem; aqui, ele atende ao objetivo de colocar na boca de Wallace Souza uma de suas frases que, assim como Angrimani (1995, p. 40) aponta, caracteriza o programa como sensacionalista, visto que o apresentador busca dizer que o ouvinte gostaria de estar dizendo ao criminoso ou que induz a revolta. Tudo isso foi sintetizado em uma única frase, que já indica todo o teor jornalístico do “Canal Livre”. O último quadro apresenta as cinco televisões interligadas por fios vermelhos,

mostrando algumas notícias do programa; as duas de baixo são mais neutras e comuns, mas as duas de cima são de casos que vão ser mais aprofundados adiante.

Chegamos na quarta página introduzindo Wallace Souza em sua campanha política e, novamente, a fala é adicionada para mostrar de forma direta quais eram suas promessas e o que o povo esperava dele. Nesse quadro em especial, destaca-se o fato que ele está no alto, sendo ouvido por muitas pessoas posicionadas abaixo dele; esse momento foi montado dessa forma a fim de mostrar de maneira visual a posição de liderança de Wallace. Apesar de ele ser mais novo neste discurso em especial, o texto já deixou claro que ele foi três vezes o deputado federal mais votado, então subentende-se que o tempo já estava mais adiantado. E no segundo quadro adiante, tem-se a introdução de Moa, outro personagem importante e que também se apresenta de vermelho. Seu rosto só é revelado no último quadro com o objetivo de gerar certo suspense de quem seria esse tal traficante que mudaria tudo (indicado na narração) e junto da revelação vem a frase chocante, de que Wallace seria líder de uma organização criminosa.

Na página de número cinco, os dois primeiros quadros desempenham o papel de entrar em detalhes sobre essa acusação feita por Moa; nesse caso, as imagens funcionam principalmente para ilustrar as informações apresentadas a fim de reduzir, de forma clara e objetiva, a explicação dada no documentário. O terceiro quadro já apresenta Wallace mais velho, e caso o leitor tenha alguma dúvida se ele é de fato a mesma pessoa mostrada anteriormente, a narração já deixa claro que é ele. No final existe uma referência direta a uma cena do primeiro episódio do documentário, apresentando a pasta com fotos que vem se aproximando até revelar a fotografia mais importante de todo o caso. Nesse momento, diferente dos anteriores, a transição escolhida é a de ação a ação, apresentando uma mesma cena com um efeito de zoom-in para se enxergar melhor a foto.

É na página seis que se explicam melhor os dois casos que foram citados na página três. Usando o artifício de dois aparelhos de TV, é exibido novamente o grotesco com a imagem de duas mortes: um homem baleado e o outro, que se destaca um pouco menos, totalmente queimado. Vale ressaltar que essas são cenas exibidas no “Canal Livre”, sendo que a segunda teve aquele frame escolhido para representar o comentário sobre o cheiro do corpo, que se enquadra naquele “humor” que Sodré e Paiva (2002, p. 35) falam ao tratar do grotesco. O texto acompanha as cenas,

seguindo com a narração do caso e entrando em maiores detalhes. Em seguida se introduzem mais dois suspeitos: Mário Rubens (que no documentário não tem muito destaque e essa decisão também foi tomada na reportagem em quadrinhos, estando presente apenas porque sentia a necessidade de ser citado) e Raphael Souza, que posa ao lado do pai com o objetivo de apresentar suas semelhanças.

A página sete trata de uma das principais reviravoltas do caso e traz Mary Tereza à cena, já acompanhada por seu depoimento sobre a tortura do marido que poderia mudar o rumo daquela história. Como a própria narração aponta que o surgimento dela foi a esperança das pessoas que acreditavam que Wallace era inocente, optou-se por usar o seguinte artifício no segundo quadro: uma televisão, o que remete ao fato daquilo estar sendo transmitido e assistido (o que justifica o conhecimento da população acerca daquele depoimento) e, como bônus, foi acrescentada uma foto de Thomaz Vasconcelos; ele, que é citado como mandante da tortura por Mary, tem seu rosto revelado para que o leitor saiba ao menos qual é o rosto daquela pessoa. Os quadros finais retomam a transição de ação a ação com o depoimento de Moa, acompanhado por uma expressão que casa com a afirmação no texto de que “ele não era confiável”.

A oitava página já começa com a mudança de ideia de Mary Tereza, e nesse momento foi optado por deixar apenas as falas dela porque o peso dessa outra reviravolta fica maior dessa maneira; vale ressaltar que, novamente, é uma cena diretamente retirada e adaptada do documentário. Um fator que recebe destaque nesta página é que o balão de narração do final ocupa até mesmo o espaço das sarjetas, semelhante ao que Robson Vilalba faz na imagem de exemplo do “Pátria armada, Brasil”. Isso acontece aqui porque os três últimos quadros formam uma união de ações tomadas pela polícia ao revistar a casa de Wallace. Outro ponto a ser destacado é a presença da primeira nota de rodapé com a observação de que Mary Tereza chama Moa de Jorge; essa foi a solução encontrada para justificar essa fala dela sem ter que mexer no texto original de seu depoimento, visando manter o máximo de veracidade possível dele.

A página nove é principalmente focada em mostrar os resultados daquela busca policial. Uma observação importante é que o último item, a lista de traficantes, não foi encontrada de forma clara o suficiente para que a desenhasse (como foi o

caso da lista de armas) então a solução encontrada foi a de colocar a verdadeira por meio de uma foto em preto e branco.

A décima página tem a rápida menção do traficante Frank Oliveira, que foi acrescentada no roteiro devido à importância da afirmação dele de pagar Wallace para não ter seu nome divulgado, o que soma nos crimes que teriam sido cometidos pelo apresentador. Mas o destaque da página mesmo está nos últimos três quadros, que mostram uma sequência direta de uma televisão sendo ligada ao mesmo tempo que a narração entrega aos poucos a razão pela qual aquele acontecimento específico é importante.

E é a partir daí que a página 11 se apresenta com um só quadro, como se fosse a amplificação daquele cenário mostrado inicialmente. Muitas televisões ligadas por fios vermelhos à principal, que exibe a matéria do Fantástico sobre o caso de Wallace, mostrando visualmente como ela foi o estopim para que a história se tornasse de conhecimento internacional. Destaca-se que todos esses jornais e suas falas foram diretamente retiradas do documentário, mas exibidas de maneira completamente diferente. “Bandidos na TV” reproduz esses trechos na íntegra, um seguido do outro e com legendas já preparadas. Não seria interessante ter em vídeo muitas televisões falando em várias línguas ao mesmo tempo, pois ficaria confuso e a legenda não poderia acompanhar todas as traduções; mas, quando o assunto é quadros, a história é outra. Ter todos eles falando ao mesmo tempo é completamente possível, e o leitor vai acompanhando um balão por vez ao mesmo tempo que pode ver a cena como um todo. Para a narrativa é essencial que tenha no texto as falas em suas línguas originais, visando passar mais claramente a ideia de que o caso se tornou conhecido fora do Brasil, mas também é importante ter a tradução do que eles estão falando. A saída escolhida para não deixar o quadro poluído com o texto original e traduzido foi a criação de uma página no final que realiza esse trabalho para o leitor.

A página 12 apresenta os efeitos do acontecimento na vida de Wallace, que propositalmente foi desenhado em posição de desespero ao perder seu cargo como deputado. Assim como McCloud (2008, p. 10) destaca, a imagem deve ser bem escolhida para representar aquele momento. Novamente o balão de narração fica por cima de dois quadros, dessa vez porque o que ela diz se refere ao mesmo tempo tanto à Moa quanto à Raphael, que já estavam atrás das grades. A página encerra dando uma certa introdução a o que viria a ser o final da vida de Wallace.

A página 13 propositalmente apresenta fotografias mostrando como o ex-deputado foi ficando aos poucos mais doente e enfraquecido, uma imagem completamente diferente da que ele tinha no começo de sua carreira. Dentre todos os personagens, Wallace foi o que mais passou por mudanças em sua trajetória e no quadrinho é possível ver ele, gradativamente, se afundando no desespero. Aqui, apresenta-se o desfecho das três figuras mais importantes da história: Wallace que morreu vítima de uma doença, Moa que foi assassinado anos depois e Raphael Souza, que segue respondendo pelas acusações. Novamente, o artifício da televisão é utilizado para agregar todas essas informações que foram noticiadas.

Mas esse ainda não é o final da história, porque um quarto personagem surge na página 14 pela primeira vez. Olhando para a fotografia de seu pai, para demonstrar visualmente o afeto que guarda por ele, Wallace Souza é apresentado. Apenas uma frase é o suficiente para o leitor entender que ele é uma figura que acredita na inocência do pai e que busca manter sua memória viva. E assim, um grande quadro mostrando Wallace apresentando a nova versão do “Canal Livre” é apresentado, indicando que esse legado segue vivo até os dias de hoje e que a história envolvendo Wallace Souza não acabou mesmo após sua morte. Em um último e pequeno quadro, a história se encerra jogando uma pergunta ao leitor: afinal, culpado ou inocente? Aqui, novamente traça-se outro paralelo ao documentário que também deixa na mão do receptor a possibilidade de interpretar os fatos a ele apresentados. Vale ressaltar que essas informações vieram de matérias posteriores ao documentário, sendo assim mais atualizadas.

“Wallace Souza: Bandidos na TV” é uma reportagem em quadrinhos objetiva, mas que também abre espaço para a subjetividade. Ela absorve conteúdos de outros gêneros e os transforma em algo novo, buscando cumprir seu papel de noticiar um caso policial da melhor maneira possível. Assim sendo, o resultado final consiste em uma mistura de aprendizagem sobre o grotesco, o gênero documental, as histórias em quadrinhos e como uma reportagem em quadrinhos pode ser produto disso.

5 REFERÊNCIAS

ANGRIMANI Sobrinho, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995. Disponível em < <https://doceru.com/doc/ss00sn8> > Acesso em: 18 set. 2022.

ARTISTA gráfico da Gazeta ganha Prêmio Vladimir Herzog. **Gazeta do povo**, 30 set. 2014. Disponível em < <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/artista-grafico-da-gazeta-ganha-premio-vladimir-herzog-eeb7qbr36b4etqildze0a2uz2/> > Acesso em: 5 out. 2022.

A SÉRIE de quadrinhos “Meninas em Jogo” foi premiada no VII Concurso Tim Lopes na categoria especial “Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes no Contexto da Copa Do Mundo 2014”. **Childhood**, 5 jun. 2014. Disponível em < <https://www.childhood.org.br/a-serie-de-quadrinhos-meninas-em-jogo-foi-premiada-no-vii-concurso-tim-lopes-na-categoria-especial-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-contexto-da-copa-do-mundo-2014> > Acesso em: 21 set. 2022.

ASSIS, Érico. Omelete entrevista Joe Sacco. **Omelete**, 5 jul. 2011. Disponível em < <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/joe-sacco-entrevista> > Acesso em: 30 set. 2022.

BANDIDOS na TV. Direção: Daniel Bogado. Netflix: Caravan Media; Quicksilver Media, 2019. Disponível em < <https://www.netflix.com/search?q=bandidos%20na%20tv&jbv=80217946> > Acesso em: 20 fev. 2022.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Eleições anteriores. Disponível em < <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores> > Acesso em: 23 jun 2022

CNJ Serviço: **Conheça os diferentes tipos de homicídios**. Jusbrasil, 2011. Disponível em < <https://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/121927853/o-que-se-entende-por-associacao-para-o-trafico-confunde-se-com-o-crime-de-quadrilha-ou-bando> > Acesso em: 30 set. 2022.

DAMIANI, André; ANTABI, Lucie. **Foro privilegiado: entenda o que é e como funciona**. Jota, 15 fev. 2022. Disponível em < <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/foro-privilegiado-entenda-o-que-e-e-como-funciona-15022022> > Acesso em: 20 out. 2022.

GOMES, Luana. **É Fantástico! Gênero e modos de endereçamento no telejornalismo show.** In: GÊNERO televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo. [S. l.: s. n.], 2011. Disponível em < <https://books.scielo.org/id/9wgnc/pdf/gomes-9788523211998-12.pdf> > Acesso em: 20 set. 2022.

GOMES, Luiz Flávio. **O que se entende por associação para o tráfico? Confunde-se com o crime de quadrilha ou bando?** Jusbrasil, 2011. Disponível em < <https://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/121927853/o-que-se-entende-por-associacao-para-o-trafico-confunde-se-com-o-crime-de-quadrilha-ou-bando> > Acesso em: 5 out. 2022.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos.** Nova Iguaçu: Marsupial Editora Ltda., 2015. Disponível em < <https://docero.com.br/doc/xv58xs0> > Acesso em: 1 jun. 2022.

HOMEM é executado com 20 tiros em Manaus. **Manaus em notícia**, 2008. Disponível em < <http://manausemnoticia.blogspot.com/2008/07/homem-executado-com-20-tiros-em-manaus.html> > Acesso em: 24 maio 2022

JOE Sacco. **Companhia das letras**, [s.d.]. Disponível em < <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02841> > Acesso em: 06 out. 2022.

JOE Sacco une reportagem de Guerra e HQ. Estadão, 26 out. 2001. Disponível em < <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,joe-sacco-une-reportagem-de-guerra-e-hq,20011026p3810> > Acesso em 01 out. 2022

MEDEIROS, Eduardo Luis Mathias; GOMES, Iuri Barbosa. Jornalismo em quadrinhos como novo gênero jornalístico: um estudo do JHQ na revista Fórum. **Ave Palavra**, [S. l.], p. -, nov. 2012. Disponível em < <https://revista.unemat.br/avepalavra/EDICOES/Esp1112/artigos/medeirosgomes.pdf>. > Acesso em: 20 out. 2022.

MCCLLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos:** Os segredos das narrativas em quadrinhos, mangás e graphic novels. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2008. Disponível em < <https://pdfslide.net/documents/2006-desenhando-quadrinhos-scott-mccloud.html?page=1> > Acesso em: 20 maio 2022.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995. Disponível em < <https://semioticadaimagem.files.wordpress.com/2016/04/desvendando-os-quadrinhos-scott-mccloud.pdf> > Acesso em: 12 maio 2022.

MORRE em SP o ex-deputado Wallace Souza. **G1**, 2010. Disponível em < <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/07/morre-em-sao-paulo-o-ex-deputado-do-am-wallace-souza-diz-advogada.html> > Acesso em: 24 maio 2022

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2010. Disponível em < https://www.academia.edu/38122320/Introducao_Ao_Documentario_Bill_Nichols > Acesso em: 1 jun. 2022.

O QUE não se falou sobre Gaza. Estadão, 28 set. 2010. Disponível em < <https://cultura.estadao.com.br/blogs/a-biblioteca-de-raquel/o-que-ninguem-contou-sobre-gaza/> > Acesso em: 01 out. 2022.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos**: Construindo sentido a partir de fragmentos. 1. ed. rev. São Paulo: Peirópolis, 2018.

PUCCINI, Sérgio. **Introdução ao roteiro de documentário**. DOC On-line, 2009. Disponível em < http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_sergio_puccini.pdf > Acesso em: 10 mai 2022.

QUADRINHOS. **Revista Badaró**, [2019?]. Disponível em < <https://www.revistabadaro.com.br/hq-2/> > Acesso em: 24 maio 2022

REENLSOBER, Danilo. Canal Livre reestreia na Band e termina em confusão ao vivo. **Emoff**, 2021. Disponível em < <https://emoff.ig.com.br/televisao/canal-livre-reestreia-na-band-e-termina-em-confusao-ao-vivo/> > Acesso em: 25 maio 2022

REPERCUSSÃO com Wallace faz diretor pensar em 2ª fase de 'Bandidos na TV'. **Bandidos na TV**, [2019?]. Disponível em < <https://bandidosnatv.com.br/repercussao-com-wallace-faz-diretor-pensar-em-2a-fase-de-bandidos-na-tv/> > Acesso em 21 fev. 2022

RODRIGUES, Caroline. **Conheça o “arrocho”**: crime no qual “bandido rouba bandido”. O Livre, 29 abr. 2021. Disponível em < <https://olivres.com.br/conheca-o-arrocho-crime-no-qual-bandido-rouba-bandido> > Acesso em: 15 maio 2022.

SANÁBIO, Laura. **O jornalismo em quadrinhos no contexto da comunicação digital.** In: HQWeek! HQs, tecnologias digitais e novas experiências narrativas, 2020. Disponível em <
https://www.ufjf.br/midiadigital/files/2020/07/anais_hqweek_2020_laura_sanabio.pdf
> Acesso em: 25 abr 2022.

SANTANA, Glêyse Santos; BARI, Valéria Aparecida. O pioneirismo do jornalismo em quadrinhos no Brasil: reconstituição do "crime da mala" por Horácio Hora. **Revista Cajueiro**, [S. l.], p. 95-120, 2 nov. 2020. Disponível em <
<https://seer.ufs.br/index.php/Cajueiro/article/view/14731> > Acesso em: 20 out. 2022.

SEVERIANO, Adneison. 'Moa' está entre mais de 50 mortos em rebelião no Compaj, diz SSP-AM. **G1**, 2017. Disponível em <
<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2017/01/moa-esta-entre-mais-de-50-mortos-em-rebeliao-no-compaj-diz-ssp-am.html> > Acesso em: 24 maio 2022

SILVA, Mariana Gil Carneiro. **A encenação no cinema documentário:** construção de personagem no filme Santiago. Orientador: Alexandre Rocha da Silva. 2012. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo) - Faculdade de biblioteconomia e comunicação, Porto Alegre, 2012. Disponível em <
https://lume.ufrgs.br/handle/10183/67208?locale-attribute=pt_BR > Acesso em: 25 maio 2022.

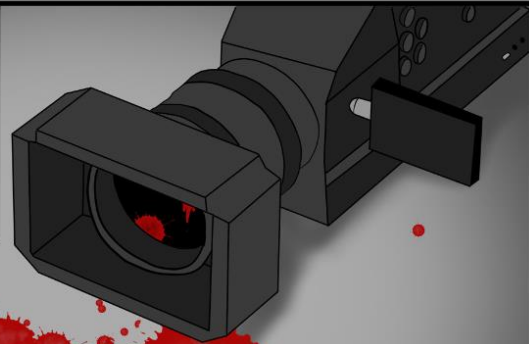
SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005. v. II. Disponível em <
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5537285/mod_resource/content/1/teorias-do-jornalismo-vol-2-nelson-traquina.pdf > Acesso em: 18 set. 2022.

APÊNDICE A – Reportagem em quadrinhos “Wallace Souza: bandidos na TV”

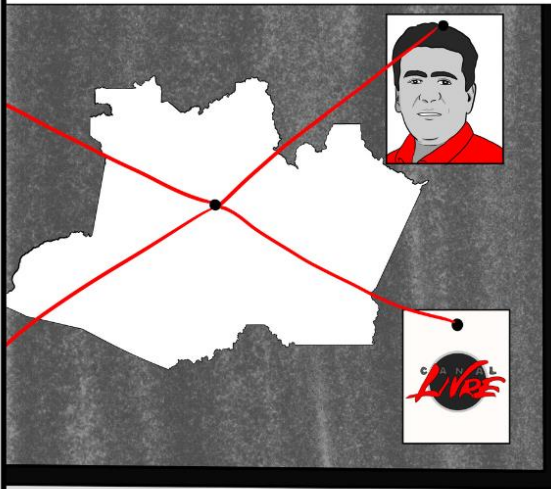


A violência, o grotesco e o sensacionalismo sempre geram audiência. E isso muda a vida das pessoas. Seja prendendo um criminoso, seja apreendendo grande quantidade de droga, seja uma vida tirada...



Ou seja um apresentador de um programa policial que manda matar por audiência!

Essa história começa com Francisco Wallace Cavalcante de Souza, um ex-policial nascido em Manaus que começou com um programa chamado "Canal Livre" para combater a criminalidade no estado do Amazonas.



Seu estúdio estava sempre com pessoas de todas as idades. Apesar de mostrar violência, era um programa com momentos divertidos.



Mais conhecido como Wallace Souza, o apresentador mostrava repudiar toda e qualquer criminalidade, visto que tinha perdido em para o vício em drogas. E foi uma dor que ele nunca superou.



O "Canal Livre" era sucesso de audiência, por vezes superando até mesmo a Globo naquela região.



Wallace se tornou a voz das pessoas que tanto perdiam para a criminalidade e que queriam que a justiça fosse feita. Tanto, que muitos deixavam de ligar para a polícia e preferiam pedir ajuda do "Canal Livre".

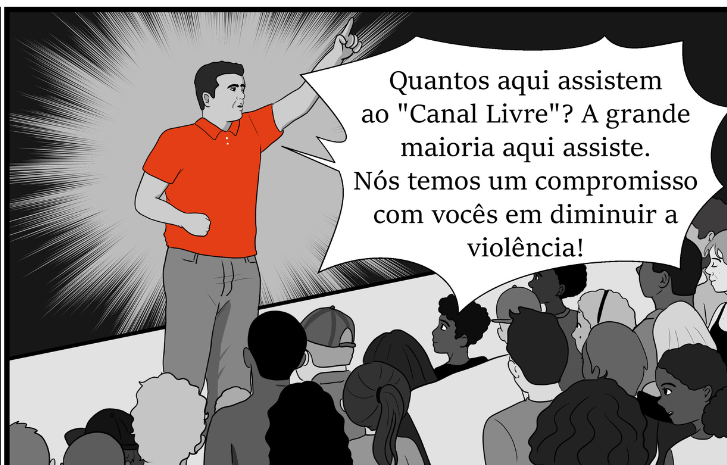


Traficante só tem um jeito: bala, sepultura! Só, só! É o único jeito que tem!

E foi assim que Wallace foi construindo o seu nome, o de um homem destemido que encarava a bandidagem, cobrava posicionamento do governo e não hesitava em mostrar, em TV aberta, a violência em sua forma mais crua.



Não demorou muito para que ele virasse candidato à deputado estadual; ao invés de só cobrar melhorias do governo, agora ele mesmo as traria. Wallace Souza foi, três vezes, o deputado estadual mais votado.



Quantos aqui assistem ao "Canal Livre"? A grande maioria aqui assiste. Nós temos um compromisso com vocês em diminuir a violência!

Porém, a prisão de um determinado traficante viria a mudar toda a crença e percepção que o povo tinha de Wallace Souza para sempre.



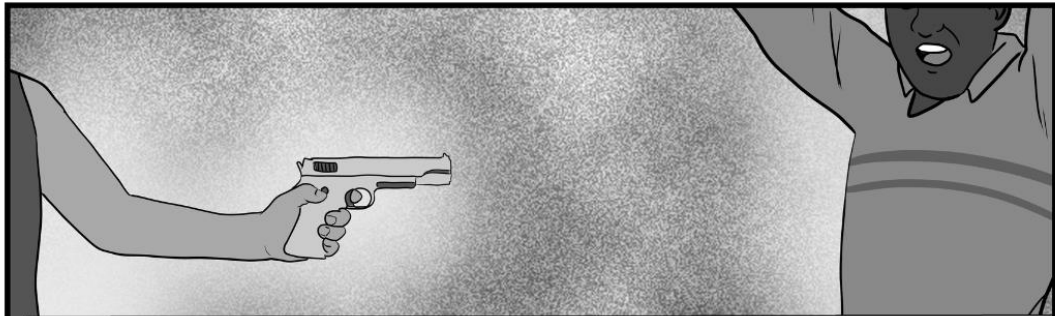
Seguro de que se fosse preso seria morto por outros detentos, esse traficante decidiu delatar a organização criminosa a qual fazia parte. Esse homem, com larga ficha criminal...



...se chamava Moacir Jorge, o "Moa".



É um grupo criminoso forte, com grande armamento Traficamos, matamos... O líder dava ordem para que agíssemos em Manaus. Esse homem, é o deputado **Wallace Souza**.



Segundo Moa, a equipe do "Canal Livre" era sempre a primeira a chegar nas cenas de homicídio e inclusive sabia detalhes delas porque tinham sido encomendadas por Wallace a fim de aumentar a audiência.

Em algum momento, Wallace teria começado a ficar com algumas drogas apreendidas e montou então uma organização criminosa que eliminava seus concorrentes.



Wallace negou tudo e disse que tratava-se de uma perseguição política contra ele.



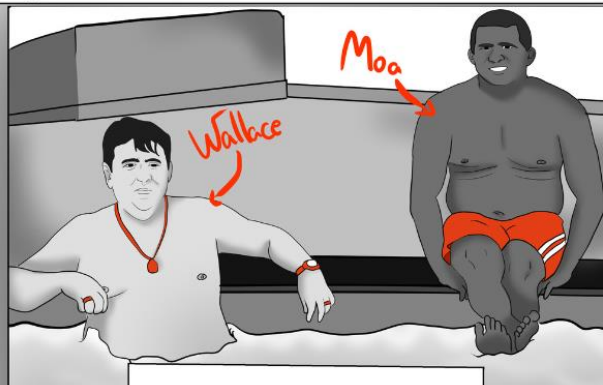
Esse tal de Moa, eu nem o conheço!

Talvez o caso teria parado por aí: a palavra de um criminoso procurado contra a de um deputado respeitado.



Mas uma prova iria mudar esse cenário...

Uma foto de Moa ao lado de Wallace na piscina da residência do deputado chegou misteriosamente aos jornais.



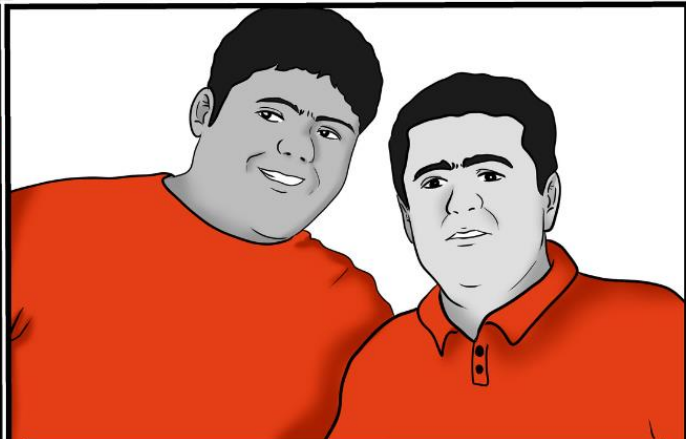
E assim, deu-se início às investigações do caso.

Entre os crimes, destaca-se a morte do traficante Bebetinho, que foi executado em seu carro com vinte tiros. O caso, que foi exibido no "Canal Livre", teria sido feito pela organização criminosa de Wallace, a fim de eliminar a concorrência. O pai da vítima, que era um traficante conhecido, jurou se vingar. Mas ele também foi assassinado pelos rivais.



Outro caso foi o de um corpo carbonizado também noticiado no programa. O repórter "acaba de chegar" e já sabe detalhes específicos sobre o crime (como o sexo e a dinâmica da morte). Segundo Moa, foram dadas ordens para que roubassem uma carga de droga da vítima, que foi morta queimada em seguida. E era por isso que o repórter já sabia daquela circunstância.

A investigação chegou até Mario Rubens Nunes Silva, motorista que estaria envolvido em alguns crimes.



E também ao Raphael Souza, filho pro primeiro casamento de Wallace. De acordo com as acusações, Raphael efetuava a maioria dos crimes a mando do pai. Tanto o caso do Bebetinho quanto o do corpo carbonizado (entre outros) teriam sido cometidos por ele.

Nesse cenário de incerteza se o homem que se dizia justiceiro estava envolvido nos crimes, surgiu a pessoa que poderia mudar tudo. Mary Tereza, a esposa de Moa, veio com uma revelação:

Meu marido foi torturado. Segundo o que me falou, teve muita pressão psicológica, saiu a noite pra fazer depoimentos, assinou papéis que não sabia... O secretário Thomaz Vasconcelos queria incriminar o Wallace.



Essa foi a esperança daqueles que acreditavam no deputado. Se fosse verdade, ele certamente seria inocente.

E é claro que Wallace usou dessa oportunidade para reforçar que estava sendo perseguido politicamente.



Thomaz Vasconcelos

Moacir Jorge foi torturado?



Toda essa investigação já começou errada!

Ao ser questionado pela Comissão dos Direitos Humanos do Amazonas, Moa confirmou a tortura.



Fiquei fazendo necessidade em cima de jornal, tipo bicho! Queriam que eu culpasse o deputado!



Mas, ao ser questionado pela foto na piscina, ele caía em contradição, não sabia explicar. E o caso acabou sofrendo mais reviravolta com outro depoimento de sua esposa.



*Mary chamava Moa de Jorge

Tentando provar sua inocência e tirar o filho da prisão, surgiu mais uma acusação: o traficante Frank Oliveira disse que pagava cerca de 1,500 reais toda semana para que o "Canal Livre" não divulgasse o nome dele.



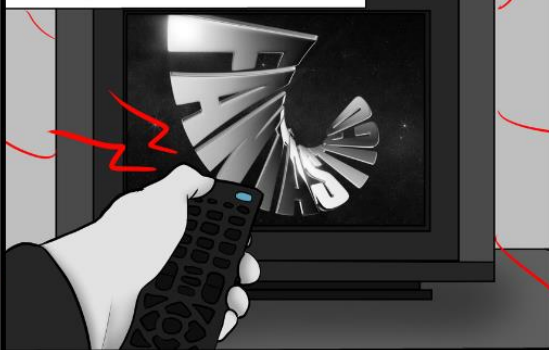
Como era deputado, Wallace não podia ser diretamente investigado. Mas seu caso já estava sendo avaliado pela Comissão de Ética da Assembleia Legislativa do Estado, correndo risco de perder seu mandato.



Apesar da situação crítica, ele tinha esperança de sair dessa situação e tudo indicava que conseguiria.



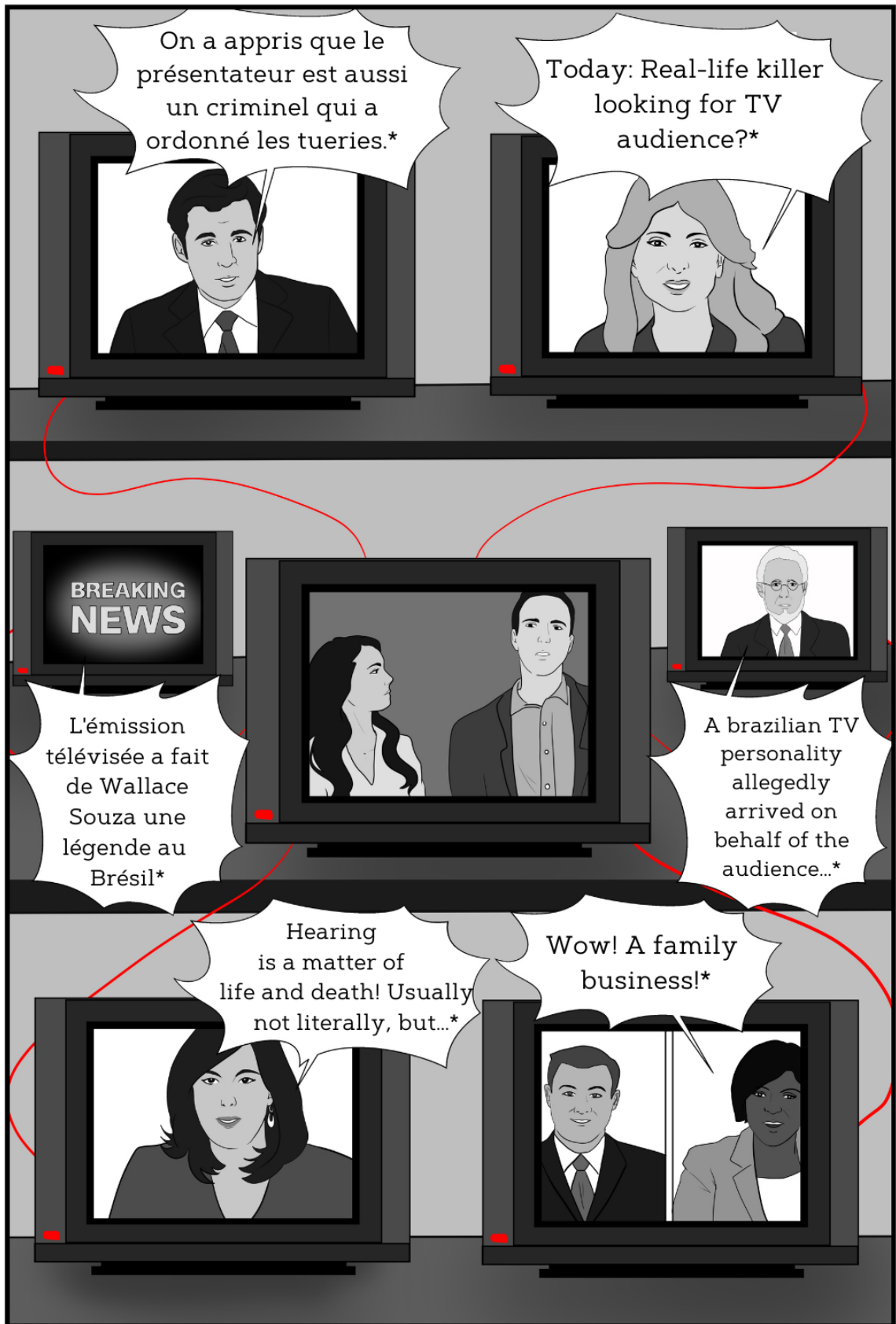
Mas tudo mudou com a repercussão nacional do caso, pelo Fantástico.



O político apresentava um programa de TV que exibia cenas de gente assassinada.



Agora o detalhe macabro. A polícia acredita que essas mortes eram encomendadas pelo próprio deputado.



*Tradução na página 15

Graças ao Fantástico, o caso ganhou conhecimento internacional e a pressão para que Wallace fosse punido aumentou ainda mais. Sua própria história se tornou alvo de sensacionalismo.



Wallace perdeu o mandato e agora podia ser devidamente julgado



O ex-deputado conseguiu a permissão de não ficar com os demais presos porque muitos estavam lá por culpa dele. Agora, todos os três estavam respondendo às acusações.



Mas Wallace, que já tinha problemas de saúde, piorou muito durante todo o processo.



*Completo Penitenciário Anísio Jobim

Mas essa história não acaba por aí.

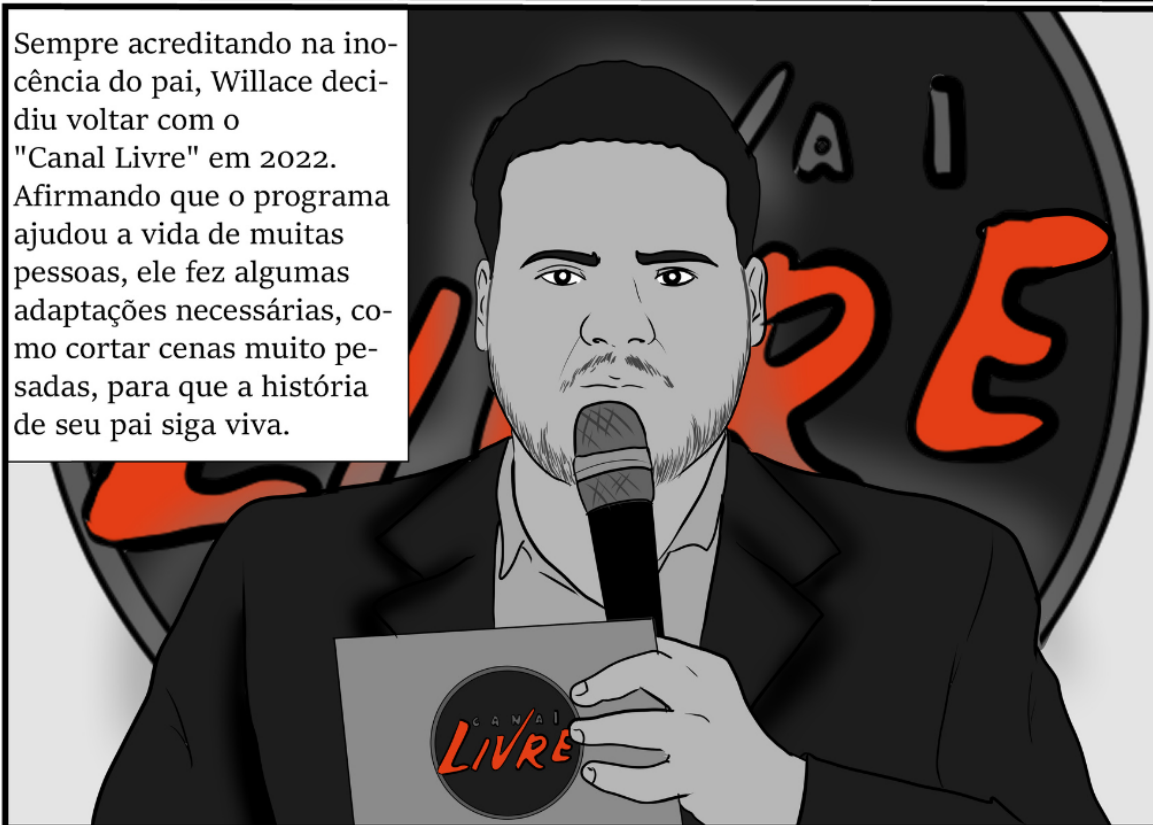


Ela segue com Willace Souza, o outro filho de Wallace.



Meu objetivo é resgatar o legado do meu pai.

Sempre acreditando na inocência do pai, Willace decidiu voltar com o "Canal Livre" em 2022. Afirmando que o programa ajudou a vida de muitas pessoas, ele fez algumas adaptações necessárias, como cortar cenas muito pesadas, para que a história de seu pai siga viva.



Culpado? Ou vítima de uma perseguição política? Wallace Souza morreu antes que pudesse ter sua sentença final. A única certeza é que o jornalista que usava do sensacionalismo, também foi atacado por ele, tornando-se, para sempre, "o apresentador que mandava matar por audiência".

FIM

Tradução:

-On a appris que le présentateur est aussi un criminel qui a ordonné les tueries:(francês)/ Soubemos que o apresentador também é um criminoso que ordenava as mortes.

-Today: Real-life killer looking for TV audience? (inglês)/ Hoje: assassino da vida real em busca de audiência na TV?

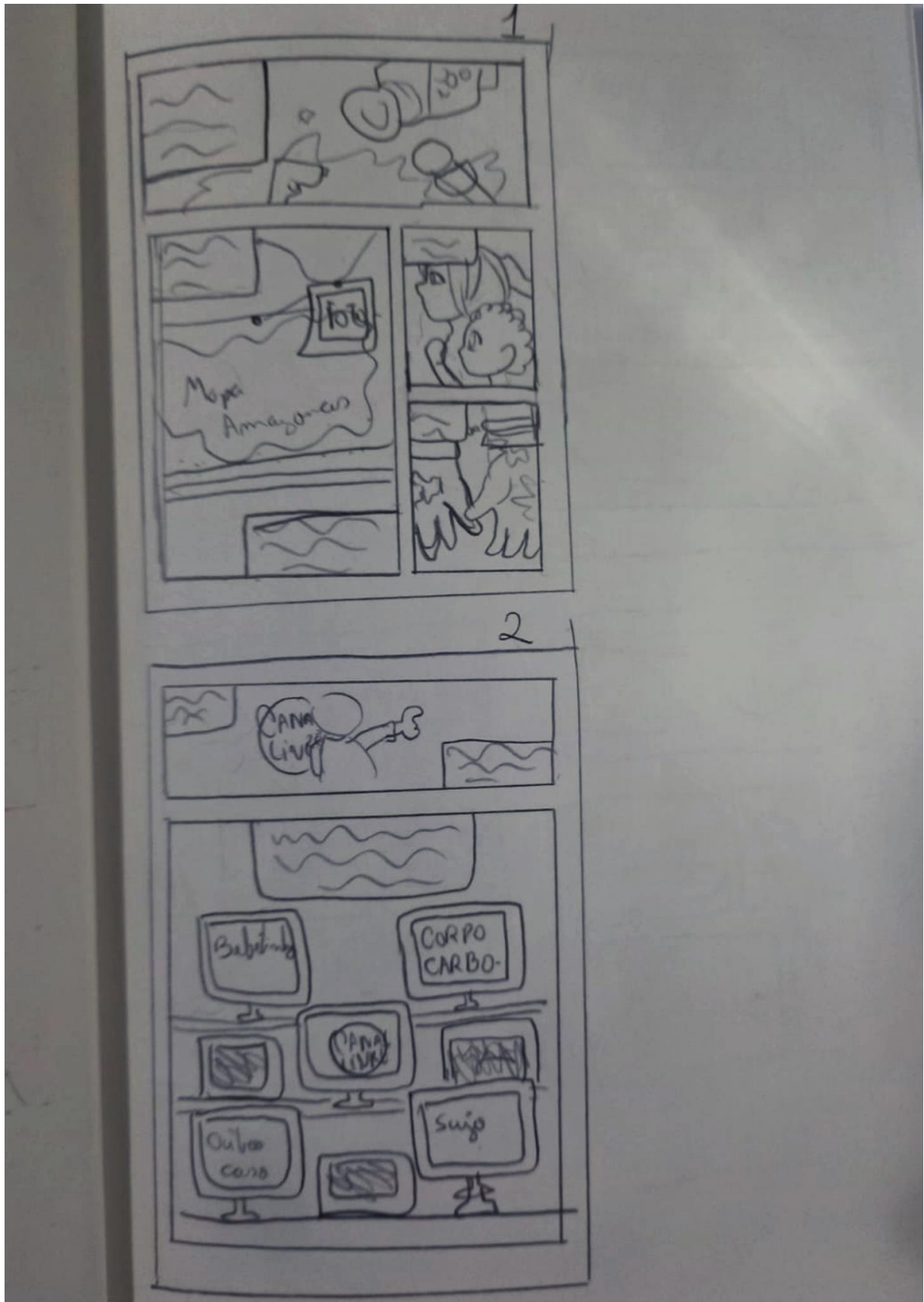
-L'émission télévisée a fait de Wallace Souza une légende au Brésil (francês)/ O programa de TV transformou Wallace Souza uma lenda no Brasil

-A Brazilian TV personality allegedly arrived on behalf of the audience... (inglês)/ Uma personalidade da TV brasileira chegou, supostamente, em nome da audiência...

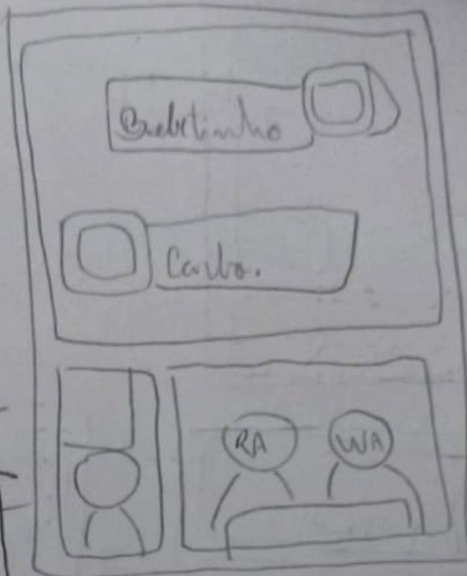
-Hearing is a matter of life and death! Usually not literally, but... (inglês)/ Audiência é uma questão de vida ou morte! Normalmente, não literalmente, mas...

-Wow! A family business! (inglês)/ Uau! Um negócio de família!

APÊNDICE B – Esboços iniciais para a construção do quadrinho







Mary Teresa



Ação

policia chegando

